



Universidade Federal do Pampa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – CAMPUS JAGUARÃO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO**

ALEF FRANCO CALDEIRA

**O PEÃO CAMPEIRO E A PAISAGEM CULTURAL: ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DA
MONOCULTURA DA SOJA EM JAGUARÃO, RS**

Jaguarão
2018

ALEF FRANCO CALDEIRA

**O PEÃO CAMPEIRO E A PAISAGEM CULTURAL: ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DA
MONOCULTURA DA SOJA EM JAGUARÃO, RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior
de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal
do Pampa - Campus Jaguarão

Orientadora: Prof.^a Dra. Alessandra Buriol Farinha

Jaguarão
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus avôs e avós, que infelizmente hoje falecidos. Urbano Franco, Marinha Souza, Leda Damasceno e João Caldeira. Pessoas que me inspiram até hoje pela figura que representam. Verdadeiros heróis da terra, que deixavam de comer para dar de comer a meus pais, deixavam de se vestir para vestir meus pais. Valores é a herança mais preciosa que eles puderam me deixar e que vou levar para o resto da minha vida.

Agradeço a meus irmãos, Baltazar Caldeira e Jardel Caldeira, por estarem sempre ao meu lado, nas melhores e nas piores fases. Sangue do meu sangue, que me fazem ir além, que me motivam para onde quer que eu vá. Amigo e irmão, me faltam palavras para descrever a gratidão que sinto pelo simples fato do Jardel estar comigo nesta caminhada.

Agradeço a todos os meus tios e tias, Estebaldo Franco, Zenon Franco, Eugenia Franco, Hermogenes Franco, Urbano Franco, Valentim Franco, Francisca Franco, Jurassi Caldeira, Silvia Caldeira, Manoel Caldeira, Maria Caldeira, Braz Franco, Irene Franco, mas em especial a meu tio Paulo Franco, assassinado a pauladas, dentro de casa enquanto dormia, no período que trabalhou como peão campeiro. Agradeço a todos pelo simples fato de contribuírem para minha educação, por me ensinarem valores fundamentais de vida.

Agradeço a Daniel Cunha, meu orientador de vida, pessoa que tenho um carinho especial e admiro infinitamente como ser humano, por sua sabedoria e conhecimento. Meu máximo respeito a ti.

Agradeço a Paulo Henrique, fiel amigo, no qual pude aprender demais com nossas discussões filosóficas inacabáveis.

Agradeço a Alesom, meu amigo, meu irmão, não é de sangue, mas é como se fosse. Na boa e na ruim sempre do meu lado.

Agradeço aos meus primos, Ândrea Caldeira e Barbara Caldeira e Gabriel Caldeira. Não sei o que eu faria sem vocês.

Agradeço a João Carlos Pinto Oliveira, no qual tive a honra de trabalhar alguns anos da minha vida e com quem aprendi muito. Me transmitir o valor da educação.

Agradeço também a todas as pessoas que estiveram do meu lado nessa trajetória, principalmente aos meus colegas, no qual vou levar um grande aprendizado. Em especial a Rafaela Reis, Josiane Caldas, Briam Garcia e Gilberto Filho. Foram as pessoas que tive mais contato e vivenciei momentos felizes e eternos que jamais vou esquecer.

Aos professores gostaria de agradecer em especial a Alessandra Farinha, Patrícia Severo e Renan de Lima, eternos apoiadores, no qual me depositaram muita confiança, me deram oportunidade de crescer enquanto profissional, além de serem meus fieis amigos em toda jornada acadêmica. Expresso aqui minha admiração, carinho, respeito e gratidão por vocês.

Por fim, agradeço as todas as pessoas de fora da universidade, colegas, amigos, no qual sempre torceram por mim e a cima de tudo, me deram força para seguir em busca dos meus sonhos. Aos que não torceram também agradeço, talvez eu tenha aprendido ainda mais com vocês.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a base que me sustentou para a escrita desta pesquisa, que são meus pais, Vera Regina Franco Caldeira e João Damasceno Caldeira. Foram a minha principal referência não só para construção desta pesquisa, mas também eternos apoiadores em todas as minhas vitórias e fracassos durante a vida. Nada do que eu expressar definirá o amor que tenho por eles. Este trabalho é um singelo muito obrigado por me ensinarem tanto, com suas histórias de vida e suas experiências que me fazem tão forte para seguir em busca dos meus objetivos e sonhos. São duas pessoas que passaram muito trabalho na vida, que batalharam muito, mas que sempre foram dignos, dando o máximo por seus filhos. Pessoas que tiveram que trabalhar desde muito cedo, passaram fome, e nem por isso desistiram de lutar pelos seus sonhos. Gratidão.

[...] talvez não sejamos fortes
Ou verdadeiros heróis
Mas o que somos e amamos
Nem mesmo o tempo destrói [...]

Carlos Omar Villela Gomes

RESUMO

O presente trabalho propõe uma investigação a respeito dos impactos gerados pelo plantio de soja em escala, na zona rural do município de Jaguarão, localizado no estado do Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil. O objetivo da pesquisa é identificar e analisar esses impactos tendo como foco da investigação a figura do peão campeiro, ou seja, pessoas que trabalham e se sustentam, principalmente da lida com o gado, atividade que depende da pecuária. Uma das principais justificativas para a elaboração deste estudo é a possibilidade de gerar valorização e conhecimento dessa atividade, pelo fato de centenas de pessoas viverem da profissão de peão campeiro, pois se sustentam desta atividade e sustentam suas famílias e filhos, vivem para isso. Desta forma não havendo pecuária, ou a diminuição da atividade, essas pessoas serão conseqüentemente atingidas, pois ficarão sem emprego. No que diz respeito à metodologia, foi elaborada uma pesquisa bibliográfica a respeito da origem do gaúcho, em específico o peão campeiro e a formação da região que contempla o estado do Rio Grande do Sul. Também foi analisado o início do processo da implantação da soja em escala na metade sul do estado Rio Grande do Sul e uma explanação teórica sobre a paisagem cultural e o Bioma Pampa, onde se situa a região de estudo deste trabalho. O estudo se caracteriza inicialmente por uma pesquisa exploratória, no qual foi utilizada a observação participante e na análise de resultados passa para uma fase qualitativa descritiva. Também foram feitas entrevistas com 4 peões campeiros. Conforme os dados obtidos na pesquisa em referenciais teóricos e em depoimentos, o plantio de soja em escala no município de Jaguarão proporcionou a diminuição da pecuária, e o aumento de áreas cultivadas pelo grão. Em relação à paisagem cultural é possível identificar que as mudanças dos elementos constroem a imagem da zona rural de Jaguarão, ao invés da lida com o gado e a figura do peão campeiro, o cenário é de plantações de soja e máquinas.

Palavras-chave: Soja. Peão Campeiro. Impactos. Jaguarão. Cultura.

RESÚMEN

El presente trabajo propone una investigación acerca de los impactos generados por la plantación de soja en escala, en la zona rural del municipio de Jaguarão, ubicado en el estado del Rio Grande do Sul, extremo sur de Brasil. El objetivo de la investigación es identificar y analizar esos impactos teniendo como foco de la investigación la figura del peón campero, o sea, personas que trabajan y sustentan se principalmente de la lidia con el ganado, actividad que depende de la ganadería. Una de las principales justificativas para la elaboración de este estudio es la posibilidad de generar valorización y conocimiento de esta actividad por el hecho de que cientos de personas viven de la profesión de peón campero, pues viven de esta actividad y mantienen a sus familias e hijos, viven para ello. De esta manera, no habiendo pecuaria, o la disminución de la actividad, esas personas, serán consecuentemente atingidas, pues quedaran se sin trabajo. En lo que se refiere a la metodología, se realizó una investigación bibliográfica acerca del origen del gaúcho, en particular el peón campero y la formación de la región que contempla el estado de Rio Grande do Sul. También fue analizado el inicio del proceso de implantación de la soja en escala en la mitad sur del estado Rio Grande do Sul y una explicación teórica sobre el paisaje cultural y el Bioma Pampa, donde se sitúa la región de estudio de este trabajo. El estudio se caracteriza por una investigación exploratoria, en la cual se utilizó la observación participante y una analice de resultados que pasa para una fase cualitativa descriptiva. También hicieron entrevistas con 4 peones camperos. Conforme los datos obtenidos en la investigación en referenciales teóricos y en testimonios, la plantación de soja en escala en el municipio de Jaguarão proporcionó la disminución de la ganadería, y el aumento de áreas cultivadas por el grano. En relación a la paisaje cultural es posible identificar el cambio de los elementos que construyen la imagen de la zona rural de Jaguarão, en lugar de la lida con el ganado y la imagen del peón campero, el senario es de plantaciones de soja y máquinas.

Palabras clave: Soja. Peón Campero. Impactos. Jaguarão. Cultura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do município de Jaguarão, RS.....	11
Figura 2: Bioma Pampa.....	23
Figura 3: Propriedade localizada na região da Perdiz, zona rural de Jaguarão, RS.	32
Figura 4: Propriedade localizada na região da Perdiz, zona rural de Jaguarão, RS.	34
Figura 5: Propriedade localizada na região do Lagões, antes do plantio de soja.	38
Figura 6: Propriedade localizada na região do Lagões, depois do plantio de soja.	38
Figura 7: Propriedade localizada na região do Lagões, antes do plantio de soja.	40
Figura 8: Propriedade localizada na região do Lagões, depois do plantio de soja.	41
Figura 9: Propriedade localizada na região do Juncal.	42

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Caminhos metodológicos	15
Capítulo 1 – O surgimento do peão campeiro, das estâncias e da agricultura no sul do RS.....	17
Capítulo 2 – O Bioma Pampa e a soja: O grão e a extinção das espécies endêmicas	23
Capítulo 3 - Análise dos resultados e a relação com a Paisagem Cultural.....	30
3.1 Relatos do peão campeiro sobre a paisagem rural de antigamente	33
3.2 Relatos sobre a vida do peão campeiro	34
3.3 Relato sobre os impactos do plantio de soja em relação à profissão de peão campeiro.....	39
3.4 O futuro da atividade de peão campeiro, de acordo com depoentes	42
Considerações finais.....	47
Referências.....	50
Apêndice.....	53

Introdução

O presente trabalho propõe uma investigação a respeito dos impactos gerados pelo plantio de soja em escala, na zona rural do município de Jaguarão, localizado no estado do Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil. O objetivo geral da pesquisa é identificar e analisar esses impactos tendo como foco da investigação a figura do peão campeiro, ou seja, pessoas que trabalham e se sustentam, principalmente da lida com o gado, que se baseia no cuidado dos animais, principalmente o bovino, e é exercida por um indivíduo denominado peão campeiro, que utiliza o cavalo como ferramenta de trabalho, além de outros elementos específicos dessa cultura e acontece nos campos do pampa gaúcho, sendo uma atividade típica dessa região.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), Jaguarão tem uma delimitação territorial de 2.051,021 km², tendo a base econômica em torno da agricultura e pecuária, com uma população estimada em 28.156 habitantes, sendo que 1.826 residem na zona rural, segundo a situação domiciliar. Conforme pode ser visto na Figura 1, Jaguarão faz fronteira com o município de Rio Branco, no departamento de Cerro Largo e tem como municípios vizinhos a cidade de Herval do Sul e Arroio Grande, ambos localizados em território brasileiro. Jaguarão fica a 380 km de Porto Alegre, capital do estado.

Figura 1: Mapa de localização do município de Jaguarão, RS.



Fonte: Abreu (2006).

Conforme dados do IBGE (2018), a produção de soja em Jaguarão no ano de 2004, foi de 7.560 toneladas de grãos, plantadas em uma área de 6.000 hectares. No ano de 2016, segundo os últimos números atualizados pelo IBGE, a quantidade de soja produzida no município é de 54.000 toneladas de grãos, em uma área plantada de 45.000 hectares, o que retrata um avanço de 39.000 hectares de soja plantados no município.

Além dos números que representam o crescimento na produção de soja é preciso salientar que a pecuária, atividade tradicional da região, perdeu espaço no mesmo período de tempo. Esses dados também são representados pelo IBGE, que constata no ano de 2004, uma produção de 148.437 cabeças de gado bovino, porém esse número cai para 100.481, no ano de 2016, o que demonstra uma diminuição de 47.956 de cabeças de gado nos campos da zona rural de Jaguarão.

Com base no avanço da área plantada no município pode-se apontar, como hipótese inicial da pesquisa, que existe em um período de doze anos (2004 a 2016), uma modificação drástica das atividades desenvolvidas no meio rural do município de Jaguarão e que essas modificações podem trazer impactos relevantes para o município. Lembrando que esta análise, a partir dos dados do IBGE é baseada nos números referentes à pecuária e ao plantio de soja.

Desta forma, a pesquisa busca extrair dados, através do estudo dessa modificação, da atividade na zona rural de Jaguarão, na tentativa de compreender alguns dos impactos diretos ou indiretos em relação ao peão campeiro, e analisar de que forma eles atingem essas pessoas. Também será dado um enfoque no estudo da modificação da paisagem cultural, composta pela pecuária e o gaúcho, em uma área considerada parte do bioma pampa, em relação ao avanço do plantio de soja, que apresenta outro tipo de paisagem, sendo um possível impacto.

A contextualização deste trabalho relata sobre a origem do gaúcho, para que se possa compreender como surgiu o peão campeiro, como se caracteriza esse fazer, essa cultura, onde se originou para poder situar esses elementos no contexto da pesquisa.

Baseado na interpretação de Darcy Ribeiro (1995) em relação à origem do gaúcho e a formação da região sulina, o peão campeiro, elemento de destaque nesta pesquisa, trata-se do primeiro nativo dessa região, dando origem ao povo gaúcho, ou seja, embora o peão campeiro, agente da cultura que remete a lida com o gado, seja um grupo específico dentro do Rio Grande do Sul, o restante da população gaúcha é descendente deste grupo social, de acordo com a origem da formação da região.

Portanto, as análises da pesquisa se concentram no estudo do peão campeiro, sujeito específico da cultura do Rio Grande do Sul, entretanto, o trabalho utiliza do termo “gaúcho”

para realçar a identidade regional do estado. Nesse sentido a paisagem cultural do gaúcho no Bioma Pampa refere-se ao peão campeiro presente na paisagem rural do Rio Grande do Sul, em específico no município de Jaguarão, recorte para esta pesquisa.

O conceito de Paisagem Cultural foi revisado com a finalidade de analisar a zona rural nesta perspectiva. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2009) a paisagem cultural se define como as propriedades que representam o trabalho combinado da natureza e dos indivíduos. São ilustrativos da sociedade humana e seus assentamentos sobre a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, bem como pelas sucessivas forças sociais, econômicas e culturais que nelas interferem. A atividade laboral e logo, a figura do peão campeiro depende do meio natural, da atividade campeira para existir. A ausência deste peão nos campos, a inserção de vasto território de plantio é uma alteração vital da paisagem cultural, que pressupõe a interação humana no ambiente natural. Sendo assim para estudar a paisagem cultural do gaúcho no município é preciso fazer referência ao ambiente onde essas pessoas constroem essa paisagem.

Também foi dado um enfoque ao período que baseia o início do plantio de soja na metade sul do estado e para complementar, uma descrição breve a respeito do Pampa gaúcho, pelo fato de que o município de Jaguarão está situado neste Bioma.

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é identificar e analisar impactos, principalmente os impactos socioculturais, produzidos pelo plantio de soja no município de Jaguarão, tendo como base da pesquisa as narrativas de peões campeiros da região. Como objetivo específico pretende-se investigar e registrar as modificações na paisagem cultural do gaúcho no município de Jaguarão.

Além disso, como justificativa pessoal que motiva a elaboração deste trabalho é a ligação familiar que tenho com a atividade campeira na região. Meus avós, os pais dos meus avós, tios trabalharam ou ainda trabalham no campo. Antes do ingresso na Universidade Federal do Pampa, entre os anos de 2010 e 2012, fui trabalhador em atividades rurais na zona rural de Jaguarão, convivendo e me relacionando com pessoas, principalmente peões campeiros e podendo vivenciar os acontecimentos decorrentes do plantio de soja em escala no município de Jaguarão. Assim, os problemas relatados neste trabalho de certa forma, foram vivenciados pela experiência que tive quando trabalhei na zona rural de Jaguarão, quando pude dialogar diretamente com trabalhadores que dependem dessa profissão para viver, e pude acompanhar a preocupação dessas pessoas em torno do fim da profissão de peão

campeiro, ou seja, dos seus fazeres, por consequência da diminuição da pecuária e a expansão agrícola sobre os campos, principalmente a da soja.

Nesse intuito, entendendo o turismo como fenômeno capaz de contribuir para a preservação e valorização da cultura local, esta pesquisa se justifica no fato de que existe um processo de diluição de costumes, tradições, identidade e principalmente, da cultura do peão campeiro, pelo plantio em escala de soja. De acordo com Sacco dos Anjos (2018), as atividades antrópicas ligadas ao trabalho tradicional estão sendo substituídas por outras ocupações profissionais atuais, indústria, comércio e outros. O autor afirma que atualmente existem espaços museais dedicados a salvaguardar antigos modos de fazer, atividades laborais, ferramentas, e outros objetos utilizados em trabalhos que estão sendo extintos. Este estudo se baseia no contexto de investigação dos impactos da monocultura da soja em relação às atividades laborais do peão campeiro, que depende desta atividade para viver. A preocupação com a descaracterização do bioma pampa é outro motivo que incentiva a elaboração deste trabalho. De acordo com Silva (2018), a falta de conhecimento com relação à riqueza da fauna e da flora do bioma pampa é um dos fatores que faz com que a soja avance na região.

Centenas de pessoas na região sul do estado vivem da profissão de peão campeiro, e devem ser valorizados, pois se sustentam desta atividade e sustentam suas famílias e filhos. Desta forma não havendo pecuária, ou a diminuição da atividade, essas pessoas serão atingidas, pois ficarão sem emprego.

No âmbito da pesquisa em turismo é pertinente evidenciar e constantemente buscar formas de valorização e preservação da cultura, seja ela qual for. Sendo assim, a preocupação com os impactos gerados pela agricultura em massa no município de Jaguarão é pertinente para a manutenção e preservação da cultura do peão campeiro, assim como de outras culturas locais, pelo fato de impactar diretamente nos costumes e tradições de um determinado grupo social.

Os trabalhadores do campo, em especial o peão campeiro que vive de serviços referentes à lida com o gado, até hoje continuam excluídos e marginalizados. Esse trabalho não propõe a conservação dessa cultura, por meio dessa realidade que vem ocorrendo na região, mas sim debater e evidenciar que existem pessoas que dependem dessa atividade, que vivem dessa atividade e que têm o direito de serem reconhecidas pelas suas vivências, seus saberes, serem reconhecidas no cenário de desigualdade em que se encontram e mesmo assim demonstram resistência.

O presente trabalho demonstra que a pesquisa em turismo também pode dar visibilidade para esses acontecimentos e fazer com que essas pessoas sejam reconhecidas e valorizadas, que tenham a oportunidade de se desenvolverem em conjunto com a região, assim como oportunizar o conhecimento do bioma pampa, das peculiaridades desta paisagem e da importância de sua preservação.

Caminhos metodológicos

Com relação à metodologia, primeiramente foi desempenhada uma pesquisa bibliográfica a respeito da origem do gaúcho, em específico o peão campeiro, pelo fato de que se está estudando um perfil de um grupo social, então é preciso conhecer como surgiu essa figura. Também foi analisado no referencial teórico o início do processo da implantação da soja em escala na metade sul do estado Rio Grande do Sul e uma explanação teórica sobre a paisagem cultural, onde se situa a região de estudo neste trabalho.

Inicialmente o estudo se caracteriza por uma pesquisa exploratória, visando expor um fato, um acontecimento para debate. De acordo com Gil (2010) a pesquisa exploratória é composta por estudo teórico, entrevistas com sujeitos que vivem o problema da pesquisa e a análise dos resultados obtidos para melhor compreensão do processo. Para isso, foi utilizado parte do material estudado no componente História e Cultura de Fronteira¹ e das palestras proferidas no I Seminário de Desenvolvimento Rural de Jaguarão². Algumas contribuições técnicas dos palestrantes do Seminário estão referenciadas neste trabalho.

A coleta de dados foi construída através da observação participante em campo, na zona rural do município de Jaguarão. No decorrer da pesquisa, através do contato direto com trabalhadores do campo, ou seja, os peões campeiros foram possíveis registrar e interpretar elementos dessa cultura. A utilização dessa metodologia justifica-se pela complexidade da interpretação das relações humanas como um todo, ou seja, analisar os impactos produzidos pelo plantio de soja ao peão campeiro requer uma vivência desse acontecimento junto às pessoas envolvidas, as quais dependem desta atividade. A interpretação da cultura local em estudo pode identificar aspectos peculiares e pertinentes produzidos somente em decorrência desse convívio.

Além da observação participante foram realizadas entrevistas, identificados por conveniência, com 4 peões campeiros, sendo eles 1 aposentado, 2 que estão em outra

¹ Ministrado no ano de 2017 pela profa. Dra. Alessandra Buriol Farinha no Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo desta universidade.

² Projeto de Extensão coordenado pela profa. Dra. Patrícia Schneider Severo. O evento ocorreu no dia 12 de junho do corrente ano no auditório da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, tendo como mediador o prof. Dr. Flávio Sacco dos Anjos, e os palestrantes, Ma. Mônica Nardini da Silva e o Me. Eduardo Garcia Souza.

ocupação no momento e 1 que ainda atua nesta prática na zona rural do município de Jaguarão. Quanto ao número de entrevistados, foi pelo fato da disponibilidade de tempo dentro do período em que ocorreu a pesquisa, sendo assim reduzida a procura a demais narrativas.

Dessa forma, foram elaboradas questões norteadoras para guiar as narrativas que se encontram em Apêndice. Também foram utilizados registros fotográficos da zona rural do município, entre o período de 2015 a 2018.

No que diz respeito às etapas da pesquisa, na análise dos dados se trata de uma análise qualitativa descritiva, elaborada a partir de uma análise de conteúdo, pois segundo Dencker (1998, p. 119), “a observação dos fenômenos sociais feita de maneira intensiva, que implica a participação do pesquisador no universo de ocorrência desses fenômenos, é uma metodologia do tipo qualitativo”. Desta forma, o estudo dos impactos do plantio de soja querer essa aproximação do processo, assim como a interação com o meio onde ocorre.

Conforme dito, os instrumentos de coleta de dados para a análise científica para esta pesquisa partiram das técnicas de observação. A observação da realidade é importante para a obtenção de informações. Também foi utilizada a técnica das entrevistas semiestruturadas, que também faz parte da observação (Dencker, 1998).

Nesse sentido, este trabalho está estruturado da seguinte forma: no Capítulo 01 foi construída uma análise a respeito da história da formação da região onde hoje se localiza o estado do Rio Grande do Sul, transmitindo como se originou o peão campeiro a partir da ocupação dessa área. Além disso, foi abordado aspectos como a introdução da pecuária e da agricultura, não só no estado, mas no município de Jaguarão.

No Capítulo 02 o foco é a explanação sobre o bioma pampa, onde é o local de origem do peão campeiro, além da importância dessa atividade para a região do Rio Grande do Sul. Também neste capítulo foram demonstrados dados, a respeito da introdução da soja na metade sul do estado, e a respectiva influência dessa cultura sobre o bioma pampa.

O capítulo 03 trata da exposição e da análise dos resultados encontrados a partir da pesquisa, além da conceituação de paisagem cultural. Será analisada a expansão da soja no município de Jaguarão e a sua relação com a alteração da paisagem cultural do gaúcho, em específico a do peão campeiro, na zona rural do município de Jaguarão.

Por fim as considerações finais da pesquisa trazem elementos de destaque no decorrer das análises, como o avanço da monocultura no município de Jaguarão, além de alguns impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais, em relação ao peão campeiro, constatados a partir do material analisado.

Capítulo 1 – O surgimento do peão campeiro, das estâncias e da agricultura no sul do RS

A formulação do embasamento teórico desta pesquisa parte em um primeiro momento de uma reflexão sobre a formação do estado do Rio Grande do Sul. O objetivo desta parte inicial do trabalho é de contextualizar e refletir sobre o processo de ocupação do estado, assim como apresentar o papel do gaúcho, que surgiu a partir da lida com o gado, o Peão Campeiro, como ele foi se desenvolvendo com o passar do tempo na região sul. Essa primeira etapa é importante por estar sendo feita uma pesquisa sobre os impactos sociais em relação ao peão campeiro é preciso descrever quem foi essa figura e como se desenvolveu desde sua origem.

Conforme já dito, o trabalho trata de uma análise sobre os impactos causados pelo plantio de monoculturas no município de Jaguarão, em específico a soja, ou seja, para isso é preciso estudar como se desenvolveram as atividades econômicas nos campos do estado. O registro histórico da formação do Rio Grande do Sul irá contribuir para a assimilação dos papéis em questão.

No século XVI houve as primeiras expedições litorâneas e exploratórias em busca de pau-brasil. “Essas incursões se intensificaram durante a dominação espanhola (1580-1640), com o objetivo de aprisionar indígenas (vários haviam sido doutrinados pelos padres da Companhia de Jesus), para o trabalho escravo” (PESAVENTO, 1985, p. 07). De acordo com Ribeiro (1995), o território equivalente ao estado do Rio Grande do Sul foi constituído através de intervenções portuguesas e espanholas, ligadas a ocupação desse território, nos quais havia interesses políticos e de mercado sobre o gado que habitava os campos gaúchos.

Segundo o autor, no século XVII, com o fim das reduções Jesuíticas (1759), o gado que era criado pela comunidade das reduções ficou livre e abandonado em toda região sulina. Neste contexto, se origina o gaúcho, um mestiço de origem guarani, portuguesa e espanhola, andarilho dos campos, com costumes e hábitos peculiares, prática de atividades pastoris, andarilho que vivia do comércio do couro dos bois que abatia.

Segundo Ferrer (2011) a região sul do Brasil foi marcada por conflitos em torno das disputas pelo território, durante os séculos XVII e XVIII. Esta área em disputa depois viria a ser hoje, o estado do Rio Grande do Sul. A contextualização histórica da formação do gaúcho é pertinente para verificar-se, como se originou o Peão Campeiro. Sendo assim, o enfoque central é destacar o perfil e a história que produziu a figura do homem do campo, para poder se fazer uma análise em relação ao objeto da pesquisa. Conforme Ribeiro (1995) os gaúchos eram:

[...] uniformizados culturalmente pelas atividades pastoris, bem como pela forma de língua, costumes e usos comuns. Tais eram: o chimarrão, o tabaco, a rede de dormir, a vestimenta peculiar caracterizada pelo chiripa e pelo poncho, as boleadeiras e laço de caça e de rodeio; as candeias de cebo para alumiar e toda a tralha de montaria e pastoreio feita de couro cru; a que se acrescentam as carretas puxadas por bois, os hábitos de consumo do sal como tempero, da aguardente e do sabão e a utilização de artefatos de metal, principalmente a faca de carnear, as pontas das lanças, as esporas e freios e uns poucos utensílios para ferver e cozinhar (RIBEIRO, 1995 p. 415).

Conforme a citação acima, os peões campeiros, ou seja, os gaúchos primitivos, tinham hábitos peculiares. Isso se pode justificar pelas condições como viviam, ou seja, ainda se baseavam na caça de bois e na venda de couro, assim como outros costumes como o chimarrão. Ferrer (2011) afirma que o desenvolvimento na região, no estado do Rio Grande do Sul, começou no século XVIII, com a delimitação das fronteiras e distribuição das sesmarias no ano de 1789. Neste contexto, Ribeiro (1995) afirma que o gaúcho se tornou útil para o desenvolvimento da região, através de seus saberes, pois sabe lidar e manejar o gado.

Ressalta Ferrer (2011), que no começo do século XIX, houve o início do cultivo da terra, além da criação de animais, o que desenvolveu a economia da região sul através da pecuária extensiva, o que originou também a criação de Jaguarão, além de outros municípios do estado. Nesse contexto, Martins (2000) afirma que até o início do século XIX, a região da fronteira, na qual se inclui Jaguarão, não era atrativa para a coroa portuguesa, no que diz respeito à exploração, pois não havia riquezas, como por exemplo, metais preciosos, além de outros fatores como infraestrutura, porém mais tarde despertaram interesse para os rebanhos de gado da região, fomentando estratégias de ocupação da região.

Segundo Ribeiro (1995), a partir do final do século XVIII e início do século XIX, começara a surgir as estâncias como reservatórios de gado aglomerado, sob os cuidados do peão campeiro. A fabricação de artefatos em couro e a indústria do charque eram as principais destinações da criação de gado. O peão campeiro então, se destacava na lida com o gado e pela missão de manuseio desses animais para os estancieiros. Desse modo ele passa a ser o trabalhador responsável pelo recrutamento e condução desses animais até as charqueadas³.

De trabalhador livre, o peão campeiro começou a se enquadrar em um formato de serviçal para o patrão, a partir da atividade pastoril. Essa relação, embora enfraquecida, ainda assim se estabelece até hoje, em determinadas regiões do Rio Grande do Sul (RIBEIRO, 1995). Conforme o autor, nas chamadas estâncias de criação de gado existia o caudilho que

³ Charqueada eram local onde os bois eram abatidos e onde se procedia o preparo do charque – carne bovina salgada e seca ao sol, para que se conservasse por mais tempo (MAGALHAES, 1993).

era o proprietário (patrão) e o gaúcho, que se torna seu peão, pronto tanto para a lida quanto para as disputas de territórios. Essas que existiam principalmente em fronteiras, pois havia o risco de invasões espanholas. Nesse contexto justifica-se a citação de Marques (2009, p. 17), relatando que “nos inúmeros conflitos (guerras e revoluções) ocorridos no estado durante o século XIX consolidaram a estrutura da estância de defesa” (MARQUES, 2009, p. 17).

Assim, o desenvolvimento de Jaguarão se baseou principalmente na atividade pastoril e na delimitação das fronteiras. “A formação da propriedade rural, e toda a fronteira gaúcha, foi marcada por irregularidades, abusos e prevaricações” (FRANCO, 2001. p. 121). Essa repartição de terras que favoreciam alguns, tornou o município de Jaguarão um ambiente instável. De acordo com o autor, no século XIX, foram fundadas as estâncias e também currais para a lida dos Peões Campeiros com o gado. As estâncias no município de Jaguarão eram consideradas moradas de risco pelos conflitos característicos de uma região de fronteira. Porém a lida com o gado era presente e concretizada principalmente pela marcação dos animais devido aos limites não existentes entre as propriedades. “A estância primitiva foi, portanto, um estabelecimento de risco, geralmente sem limites precisos e sem titulação muito confiável. O que mais caracterizava eram gados aquerenciados e marcados pelo ferro de seu proprietário” (FRANCO, 2001, p.121).

Segundo Marques (2009), durante o século XIX com a chegada dos imigrantes europeus no estado, foi quando começou o processo de cultivo intensivo da terra, ou seja, da agricultura, mais voltada para uma forma familiar, porém a criação de gado continuou como atividade principal na região sul. O autor ainda cita alguns elementos que influenciaram nesse desenvolvimento da pecuária como:

[...] a contínua estabilidade política (as guerras e as revoluções ocorreram durante todo século XIX e parte do século XX), a instabilidade climática (a região é considerada região marginal para maioria das lavouras de grãos), a existência previa de gado e as facilidades de comercialização de animais (MARQUES, 2009, p.17).

Conforme o autor, mesmo com a introdução da agricultura na região hoje referente ao estado do Rio Grande do Sul, a atividade relacionada a criação de gado era mais intensiva por questões de desenvolvimento do local. Na década de 1870 se consolidaram no município de Jaguarão as cercas para a divisão dos campos, propiciando a ordenação da criação bovina, do território e da economia. Nesta ocasião foi possível controlar e produzir de forma mais qualificada a criação de gado, além de introduzir outros animais como por exemplo, o ovino.

O cercamento (década de 1870) das propriedades com arramados e a divisão interna das fazendas em poteiros permitiu uma grande transformação tecnológica da

pecuária. Só então foi possível formar invernações para o engorde de novilhos, a separação de gado de cria, o aparte das vaquilhonas antes de serem touradas. Além do forte incremento da criação de ovelha, pouco viável antes, nos grandes abertos (FRANCO, 2001, p. 128).

Nessa perspectiva se aponta para um desenvolvimento da atividade pastoril em Jaguarão em relação a outras regiões do estado, resultante dos cercamentos das propriedades. Isso influencia de forma direta na maneira de criação e fomento da pecuária, pois assim, se constitui uma forma de controle sobre os animais para a comercialização. Conforme o autor, no século XIX, as atividades do peão campeiro começam a ser impactadas pela modernização dos processos de desenvolvimento, principalmente da pecuária e com isso a marginalização desse peão.

Outra consequência, amplamente observada, foi a redução do número de trabalhadores empregados nas estâncias. Com as cercas reduzia-se a necessidade dos posteiros que obrigatoriamente vigiavam os limites, diminuía a frequência e a importância dos rodeios, cessava a função dos arrebanhadores de reses perdidas ou extraviadas em campo alheio (FRANCO, 2001, p. 128).

Conforme visto, com as cercas nas propriedades diminuiu a necessidade da junção e da lida diária com o gado, com isso diminuindo as tarefas do peão campeiro nas estâncias, não havendo necessidade de vários trabalhadores. No século XX, de acordo com o autor, houve também modernizações na estrutura física das estâncias. Essas melhorias feitas de certa forma atingiram positivamente os peões campeiros, como o surgimento dos frigoríficos, as condições de moradia, meios de transportes e acesso à cidade. O transporte e a ligação por vias até os centros urbanos foram fatores determinantes para o desenvolvimento social e econômico da região. O peão campeiro então, se beneficia com essa influência tecnológica.

Marques (2009) aponta que a diferença econômica entre o norte e o sul do estado se intensifica no século XX, devido ao aumento processo de industrialização ocorrido na região norte e no mesmo período de tempo a decadência da região sul. O autor ainda menciona que no final do século XX e começo do século XXI, se intensificaram as iniciativas para a diversificação de atividades, como por exemplo, a monocultura de árvores, porém a pecuária extensiva ainda segue tendo importância, no que diz respeito a aspectos culturais, sociais e econômicos da região.

No século XXI a introdução da agricultura em escala no Rio Grande do Sul ocasionou a diminuição da atividade pastoril, ou seja, da criação de bovinos e ovinos. Culturas como trigo, arroz e principalmente a soja, foram as principais lavouras que se instalaram nos campos do estado.

[...] com o surgimento de um amplo mercado nacional, a região sulina foi se especializando numa produção agrícola não tropical, facilitada por suas condições ecológicas e climáticas. Surgem, assim, a triticultura, substitutiva de importações, a rizicultura e o cultivo de soja para exportação, exploradas todas em larga escala, com técnicas modernas e certo grau de mecanização nas coxilhas antes devotadas ao pastoreio. Raramente esse desdobramento de atividades é processado pelo próprio latifundiário pastoril. Via regra, ele apenas arrenda parcelas de suas terras agriculturáveis, reservando-se as demais para exploração pastoril tradicional que continua fazendo diretamente (RIBEIRO, 1995, p. 424).

Esse aumento no incentivo da agricultura então, não foi proporcionado pelos latifundiários, mas sim por mãos de obras especializadas na produção em escala. Sendo esses plantios em massa, elaborados por técnicas modernas, na suposta tentativa de trazer desenvolvimento econômico para a região Sul do Brasil. Com o desenvolvimento agrícola, os peões campeiros também se transformam conforme a evolução dos meios e da região sulina, se tornando mão-de-obra para determinadas ocasiões em consequência da nova atividade. Conforme Ribeiro (1995, p. 422) “transformam-se assim os gaúchos em reservas de mão-de-obra em que o estancieiro recruta os homens de que necessita quando vai bater os campos, esticar um arramado, ou nas épocas de tosquia. São os trabalhadores de changas, biscateiros subocupados [...]” (RIBEIRO, 1995, p. 422).

As atividades agrícolas tiveram seus entraves, pela falta de investimentos no setor, pois os proprietários se interessam com os arrendamentos, ou melhor dizendo, com o lucro do empréstimo da terra, sendo toda a inserção de verba e maquinários, por conta desses produtores que introduzem a agricultura. Porém, para os fazendeiros ou patrões se tornou um bom negócio, desfrutar dessa forma de empreendimento.

O alto preço dos arrendamentos – que parece constituir um dos principais fatores do encarecimento da produção – decorre do monopólio da terra pela velha classe latifundiária. Fazendo-se pagar onerosamente, esses proprietários acompanham a modernização da paisagem rural, edificando casas confortáveis e fazendo melhorias nas estâncias, não como empresários ativos senão como um percalço que retarda a modernização. Por outro lado, as enormes despesas de implantação dos grandes cultivadores, em maquinaria, assistência, irrigação, fertilizantes, tendo de ser enfrentadas por simples empresários que operam em terras alheia, constituem um dos principais óbices à expansão ordenada dos trigais e arrozais sulinos. Acresce, ainda, que a associação recomendável desses cultivos com outros, ou a sucessão de cultivos segundo as técnicas de rotação de culturas, são também obstaculizadas, onerando o custo da produção e sacrificando as terras (RIBEIRO, 1995, p. 426)

Nessa citação o autor aponta para alguns dos problemas provenientes da agricultura em massa na região, incluindo fatores sociais, culturais e econômicos. Mesmo com tais dificuldades a agricultura se instala no Rio Grande do Sul. No contexto do peão campeiro há uma tentativa de inserção nessa atividade agrícola. Esse fato ocorre pela necessidade de mão-

de-obra principalmente para as colheitas menos mecanizadas, fornecendo talvez uma oportunidade de trabalho e melhoria nas condições sociais do gaúcho conforme cita o autor:

[...] essas atividades ensejam novas oportunidades de trabalho e melhores condições de remuneração a uma parcela das massas rurais, principalmente na etapa da colheita, em geral menos mecanizada. Seu efeito social mais importante é, talvez, a diversificação da sociedade agrária sulina com a ampliação de um setor intermediário entre os proprietários e seus gaúchos, até agora extremamente reduzido. Tais são os trabalhadores semiespecializados recrutados para as tarefas da mecanização agrícola, do beneficiamento das safras e de sua comercialização. Todavia, o próprio grau de mecanização desses cultivos opera como um redutor das possibilidades de emprego, que, em associação com o monopólio da terra, contribui para manter marginalizada a maior parte da população rural que continua sobrando das atividades pastoris e também excedente das necessidades de mão de obra da nova economia agrícola. (RIBEIRO, 1995, p. 426)

Esses atributos que contribuem para a exclusão de parte dessa população rural, se dá pela maneira com que se ocasiona os processos de uso da terra, baseado principalmente nos monopólios dos fazendeiros ou patrões. Esse interesse individual pelo lucro e o desenvolvimento dos próprios interesses constitui este ambiente desigual nas condições de vida principalmente do peão campeiro. Ribeiro (1995, p. 430), retrata essa marginalização quando afirma que o peão “Analfabetos, numa sociedade já integrada por metade nos sistemas letrados de comunicação, essas populações marginalizadas perdem até mesmo suas seculares tradições folclóricas, esquecidas por novos corpos elementares de compreensões e de valores auridos através do rádio e da transmissão oral [...]” (RIBEIRO, 1995, p. 430).

Pode-se afirmar que parte da pobreza e desigualdade está associada à história, à política do uso e do desenvolvimento da terra. Os trabalhadores rurais, principalmente o peão campeiro vem perdendo desde sua origem, valores, tradições e costumes, tornando-se estranhos em seu território de origem. Isso retrata a cronologia de decadência social, principalmente do Peão Campeiro, em meio a formação do Rio Grande do Sul. Neste capítulo procurou-se contextualizar o tema da formação do peão campeiro, da implantação de estâncias no sul do estado e do começo da agricultura na região. O capítulo seguinte disserta sobre o Bioma Pampa e o avanço da sojicultura na região sul do estado.

Capítulo 2 – O Bioma Pampa e a soja: O grão e a extinção das espécies endêmicas

Neste capítulo são abordados elementos que destacam a formação do bioma pampa, localização como também sua importância, além de destacar alguns dados referentes a inserção da monocultura da soja no pampa gaúcho, principalmente na metade sul, onde se localiza o município de Jaguarão. O objetivo deste tópico é a abordagem referente ao início do processo da agricultura em massa na metade sul e destacar elementos importantes desta região que merecem atenção, como possíveis impactos sócio ambientais decorrente deste processo.

O município de Jaguarão está situado no Bioma Pampa. Segundo dados do ministério do Meio Ambiente, o “Bioma Pampa tem em sua área total uma parte exclusiva no Rio Grande do Sul, onde ocupa uma área de 176.496 km², o que corresponde a 63% do território estadual e 2,07% do território brasileiro” (BRASIL, 2018). O Bioma Pampa compreende também Uruguai e Argentina, sua extensão de terras contempla flora e fauna em específicas áreas, com diversidade de espécies nativas, como campos nativos, banhados, entre outros. São mais de 3000 mil espécies de plantas, com grande quantidade de gramíneas e também mais de 100 espécies de aves e 500 espécies de mamíferos terrestres (BRASIL, 2018)

Além de concentrar uma diversidade de flora e fauna, o Pampa Gaúcho faz parte da paisagem cultural do peão campeiro e da cultura do gaúcho, em sua totalidade. A Figura 2 demonstra o mapa de abrangência do Bioma Pampa na perspectiva da América Latina.

Figura 2: Bioma Pampa.



Fonte: Wikipédia (2018)

As características da região do pampa englobam também um dos elementos de análise desta pesquisa que é a paisagem cultural. Conforme o Ministério do Meio Ambiente:

Dentre as paisagens naturais do Pampa se destacam as serras até planícies, e morros rupestres até coxilhas. O bioma do Pampa pode ser considerado patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos entre outros. [...] Desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva sobre os campos nativos tem sido a principal atividade econômica da região. Além de proporcionar resultados econômicos importantes, **tem permitido a conservação dos campos e ensejado o desenvolvimento de uma cultura mestiça singular, de caráter transnacional representada pela figura do gaúcho**” (BRASIL, 2018, com grifo do autor).

Conforme visto na citação acima, o peão campeiro caracterizado no capítulo anterior faz parte dessa paisagem, principalmente devido à atividade cultural que exerce sobre o Bioma Pampa. Da citação, pode se aferir também que a pecuária não se limita somente a importância econômica para a região, mas também para preservação da cultura do gaúcho e do Bioma Pampa.

Segundo Verdum (2006), a região sul do Rio Grande do Sul, que era particularmente pecuarista, a partir dos anos 1960 sofreu uma expansão da soja no Norte do estado e tempos após também ao sul, introduzindo no pampa gaúcho a agricultura, principalmente as monoculturas de trigo e soja. Caracteriza-se, de acordo com Filippi e Matei apud Misoczky (2013), pela pecuária extensiva, com grandes amplitudes de terras, as quais os proprietários tem uma tendência crescente em arrendar para granjeiros e também para empresas de celulose. Esses empreendimentos têm procurado nessas regiões terras férteis, planas e de baixo custo.

As condições ecológicas da região sul tornaram-na melhor adaptada à criação, enquanto que as da região norte exigiram um aproveitamento mais equilibrado de suas terras entre lavoura e pecuária. O relevo irregular, além disso, condicionou a formação de estabelecimentos agropastoris relativamente pequenos, enquanto as planícies do sul favoreceram o estabelecimento de grandes latifúndios (FILIPPE e MATEI apud SINGER, 2013, p. 04)

A implantação da agricultura em massa nos campos da região sulina, não só impacta negativamente a cultura local, como também o meio ambiente principalmente. Talvez um dos elementos de maior influência seja a questão do plantio em escala sem o devido controle.

O superpastejo (excesso de animais nas pastagens em relação à capacidade de suporte), frequente nos sistemas de produção do Rio Grande do Sul, tem sido uma

das causas da degradação dos campos naturais do Pampa, ao lado da expansão da agricultura de grãos e da substituição da matriz forrageira nativa por forrageiras exóticas, devido ao desconhecimento generalizado das potencialidades das pastagens naturais da região. Nesse contexto, não só as riquezas, mas toda a multifuncionalidade – econômica, produtiva, ambiental, cultural, turística e social – dessa complexa região pastoril tem sido negligenciada pela sociedade (CHOMENKO e BENCKE, 2016, p. 169).

A destruição do ambiente ou a alteração envolve não só a natureza e o meio econômico, mas principalmente as pessoas que vivem nela. Embora esse aumento significativo do plantio na metade sul, principalmente o de soja, seja uma forma de investimento, é preciso dar ênfase aos seus pontos positivos e também os negativos, principalmente das pessoas que vivem das atividades proporcionadas por esse meio.

No município de Jaguarão o cenário não é diferente, pois conforme já foi visto, há um processo de intervenção agrícola se tratando em áreas cultivadas anteriormente por outras culturas. Com base na pesquisa de Silva (2018, p. 51):

As culturas que apresentam maior variação foram, sem sombra de dúvidas, as áreas plantadas de milho e soja. Assim, enquanto a superfície cultivada de milho se viu reduzida à metade nos anos considerada (de 1.000 para 500 ha), a de soja passou de 16.000 para 45.000 ha. Tem-se aqui um incremento que alcança mais de 180% dentro de um espaço de tempo bastante reduzido, com todos os impactos previstos e imprevistos no contexto local e regional (SILVA, 2018, p. 51).

Esses dados demonstram a proporção do plantio em escala de soja no município, ou seja, uma porcentagem elevada da área cultivada do grão. Jaguarão se caracteriza historicamente pela pecuária como já foi visto, e segundo a autora, “a produção animal está diretamente ligada à representação social e produtiva deste município gaúcho e das pessoas que ali residem” (SILVA, 2018, p. 51). A discussão central, ou a preocupação é de que a soja tenha ocupado as áreas destinadas à pecuária, ou seja, a atividade pastoril. Esses fatores alteram a economia da região além de influenciar nas atividades profissionais do gaúcho, do peão campeiro.

Nesse sentido em contraponto ao aumento considerável da das áreas de soja, a cultura de milho apresenta uma decadência contínua, no mesmo período em que cresce as plantações de soja. Um dado interessante referente ao estado do Rio Grande do Sul é em relação ao rebanho bovino do Rio Grande do Sul desde o ano de 1980 que apresentava 14.082.148 cabeças de gado, e no ano de 2016 apresenta 13.590.282 cabeças de gado (EMATER, 2018).

Além desses números, é pertinente destacar segundo Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) entre os anos 2007 a 2016 as áreas ocupadas por culturas como arroz que apresenta a partir de 2007 uma área cultivada de 17.800 hectares e no ano de 2016

esse número é de 23.113 hectares, ocorrendo uma mínima variação. Já no caso do trigo em 2007 a área plantada era de 1.700 Hectares e no ano de 2016 esse número passou para 2000 hectares. Esses dados apontam que a única cultura que teve um aumento das áreas cultivadas considerável foi a da soja, ou seja, os outros grãos se apresentam estáveis, com mínima oscilação.

Ainda segundo dados da EMATER, no estado do Rio Grande do Sul fazendo uma análise da produção de soja por município, os que apresentam os números de áreas cultivadas iguais ou maiores que Jaguarão são: Bossoroca, com 45.000 hectares, Cachoeira do Sul, com 140.000 hectares, Capão do Cipó, com 62.750, Cruz Alta, com 96.500 hectares, Dom Pedrito, com 75.000, Espumoso, com 50.160 hectares, Giruá, com 63.850 hectares, Ijuí, com 46.000 hectares, Jóia, com 80.800 hectares, Júlio de Castilhos, com 89.600 hectares, Lagoa Vermelha, com 46.000 hectares, Muitos Capões, com 55.000 hectares, Palmeira das Missões, com 97.000 hectares, Rio Pardo, com 58.000 hectares, Santa Bárbara do Sul, com 69.000 hectares, Santa Maria, com 46.100 hectares, São Borja, com 60.000 hectares, São Gabriel, com 95.000 hectares, São Luiz Gonzaga, com 80.500 hectares, São Miguel das Missões, com 73.500 hectares, São Sepé, com 55.000 hectares, Tupanciretã, com 146.000 hectares e Vacaria, com 50.000 hectares. Esses dados demonstram que o município de Jaguarão é um dos únicos municípios da região sul do estado com quantidades significativas de áreas de soja, em relação ao restante dos municípios do estado.

Nesse sentido, a exploração demasiada das áreas do Rio Grande do Sul e principalmente do município de Jaguarão, realça a falta de controle e sustentabilidade na manutenção do território, assim como o desenvolvimento local e regional.

Os maiores conflitos em torno da conservação do Pampa relacionam-se à forma de exploração dos ambientes campestres do bioma. Esses conflitos se traduzem, por exemplo, na competição pelo uso da terra estabelecida pela expansão da atividade agrícola sobre áreas tradicionalmente ocupadas pela pecuária extensiva. A questão central não é a expansão em si, mas quais modelos de produção utilizar em cada ambiente e, por fim, como equilibrar as diferentes atividades de lavoura e pecuária. (CHOMENKO e BENCKE, 2016, p.173)

Conforme os autores Chomenko e Bencke (2016), apontam na citação, os modelos adotados para implementação desse tipo de agricultura, fogem de uma política de um desenvolvimento coerente na distribuição de renda, por exemplo. Pois não é feito nenhum estudo de utilização do espaço e seus devidos cuidados para a manutenção de flora, fauna e principalmente comunidade e os agentes culturais.

Conforme Silva, (2018), “Os impactos de processos econômicos afetam, segundo graus diversos, positiva ou negativamente, os diferentes atores sociais de um dado território” (SILVA, 2018, p. 52). A soja que é uma das principais culturas responsáveis pelas mudanças sociais, econômicas e ambientais do pampa e da região sul do Rio Grande do Sul, toma proporção de números significativos em relação a área ocupada com lavouras. A seguir destaca-se o estudo feito pela Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, que demonstra em porcentagens o crescimento do plantio de soja na região.

No caso da cultura da soja, segundo a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER/RS, a área plantada no Rio Grande do Sul aumentou 26% no período 2010/2011 a 2014/2015. Considerando as regiões administrativas da EMATER/RS de Bagé, Pelotas, Porto Alegre e Santa Maria, que juntas representam aproximadamente a área da Metade Sul do estado (Pampa), o aumento foi proporcionalmente muito maior, de 62%, alcançando 184% quando consideradas apenas as regiões administrativas de Bagé (Campanha e Fronteira Oeste), Pelotas (zona sul) e Porto Alegre (entorno da Laguna dos Patos e Região Metropolitana). Portanto, ainda que o regime de chuvas não seja adequado à cultura da soja, ela vem se expandindo a um ritmo acelerado sobre o Pampa. (CHOMENKO e BENCKE, 2016, p.173)

A pesquisa demonstra que na área relativa ao município de Pelotas, ou seja, da zona sul, o aumento do plantio de soja foi equivalente a 184%, isso demonstra um nível de expansão elevado em termos de utilização de terras que antes eram ocupadas pela pecuária. Então entre os anos de 2011 e 2015 e possível constatar uma considerável influência de implementação de soja na metade sul do estado do Rio Grande do Sul.

Essa modificação impacta campos nativos, pecuária, culturas tradicionais e também as pessoas envolvidas nesse contexto. Este fato leva a reflexão de que não se trata de uma simples modificação na paisagem, ou na atividade agropastoril, mas sim um fenômeno de proporção maior, por envolver diversos elementos impactados. Nesse aspecto, Silva (2018), aponta que “[...] para o plantio de soja é necessária à remoção do campo nativo, alterando a paisagem natural local que historicamente esteve ligada à pecuária bovina e ovina” (SILVA, 2018, p. 71). Um dos atritos gerados pela expansão da soja na região da pampa no Rio Grande do Sul é a disputa ou a resistência pela produção de pecuária bovina e ovina. Um dos elementos que justificam a introdução da agricultura é o fato dela ser vista como uma atividade atrasada, no que diz respeito a fatores econômicos. Conforme os autores:

Assim, considerando que tanto a área de arroz no Pampa como a área de soja na Metade Norte do Rio Grande do Sul têm-se mantido relativamente estáveis, ainda que com pequenas oscilações, a expansão da sojicultura tem ocorrido principalmente sobre os campos do Bioma Pampa. Cabe ressaltar que este avanço vem ocorrendo justamente nas áreas onde se localizam os maiores rebanhos bovinos e ovinos do estado, gerando tensões pelo uso da terra, em especial durante o período estival. [...]

Entretanto, apesar do conhecimento acumulado, a pecuária de campo tem sido vista como uma atividade atrasada, de baixa produtividade e baixa renda. Esse fato, aliado ao aumento da área infestada por capim-anonni (favorecido por práticas agropecuárias inadequadas e pelo superpastejo), é a principal causa da alarmante redução das áreas de vegetação nativa no Bioma Pampa – em especial das áreas de campo natural – ao longo dos últimos anos. (CHOMENKO e BENCKE, 2016, p.177)

Aqui pode-se apontar que não especificamente a soja, mas a agricultura em massa que se expandiu na região, com trigo, plantio de árvores e também o da soja, foram fomentados com intuito de substituição da atividade pastoril. Embora ainda tenha índices que demonstram alguma resistência da pecuária, ela foi impactada pela forma de agricultura introduzida na região.

Além da pecuária ter um potencial negligenciado pela força econômica da agricultura e do agronegócio, a pecuária como mencionou-se anteriormente no texto é uma das principais formas de manutenção da identidade do peão campeiro. Essa restrição de atividade tira uma de suas práticas cotidianas podendo forçar a uma modificação cultural da figura do peão campeiro que, conforme visto, é um personagem que historicamente se relaciona com a trajetória de ocupação do estado.

As espécies vegetais campestres do Pampa, perfeitamente adaptadas às condições da região há milhares de anos, possuem um potencial produtivo ainda pouco explorado nos sistemas de produção. A vegetação nativa faz da atividade pastoril a vocação natural do Pampa. Em razão das características do meio, a pecuária extensiva possibilita a convergência de objetivos econômicos e conservacionistas no bioma, desde que respeitados alguns preceitos técnicos, como, por exemplo, o correto ajuste da carga animal. Cabe ressaltar, ainda, a importância da pecuária para a economia do Rio Grande do Sul e para a própria identidade cultural do gaúcho, que há quase 400 anos convive com a atividade pastoril. (CHOMENKO e BENCKE, 2016, p.178)

Neste mesmo ponto da identidade cultural do peão campeiro pode-se evidenciar a importância da manutenção da pecuária e um alerta a essa possível alteração cultural no pampa e obviamente na metade sul do Rio Grande do Sul. Atividade pastoril e peão campeiro caminham em conjunto, por isso o enfoque na atividade pastoril deve ser constante nesta pesquisa.

Além de não ser uma atividade atraente para os investidores agrícolas, a atividade pastoril requer um trabalho de acompanhamento detalhado para que realmente possa dar a esperada produtividade. As lavouras em massa instaladas na região sul também demonstram a falta de conhecimento dos fomentadores dessa iniciativa a respeito da atividade pastoril.

A pecuária sobre campos nativos, portanto, tem um relevante papel na conservação do Bioma Pampa. Apesar disso, tem sido relegada a um segundo plano e considerada uma alternativa de renda pouco competitiva frente a outras atividades agropecuárias. Em grande parte, isso resulta da simples falta de acesso à informação

e do não entendimento sobre o conhecimento disponível acerca das possibilidades de uso sustentável do bioma. (CHOMENKO, BENCKE, 2016, p.178)

Cabe ressaltar então que está se baseando em uma análise do plantio de soja, principalmente no município de Jaguarão, procurando acentuar possíveis impactos em relação ao peão campeiro. Silva (2018) aponta para outros impactos da soja na metade sul, dentre eles a degradação dos campos nativos, e com isso, perdas no âmbito social, econômico e principalmente cultural. Aspectos como o êxodo rural, diminuição da agricultura familiar e uso excessivo de agrotóxicos contribuem para esse cenário.

Neste capítulo procurou-se dar ênfase a explanação sobre o bioma pampa e aspectos que caracterizam esse espaço por transmitir a cultura e a identidade da metade sul do estado do Rio Grande do Sul. Além disso, foi destacado a respeito da introdução do plantio de soja nessa região. O próximo capítulo apontará os resultados da pesquisa e suas relações com o peão campeiro e a alteração da paisagem cultural do gaúcho.

Capítulo 3 - Análise dos resultados e a relação com a Paisagem Cultural

A pesquisa objetiva analisar os impactos sociais produzidos pelo aumento do plantio da soja em Jaguarão, na perspectiva do peão campeiro. Logo, entende-se que o “desaparecimento” deste trabalhador rural, bem como as modificações no ambiente natural remetem as modificações da paisagem cultural do município de Jaguarão, ou seja, as atividades do peão campeiro estão sendo modificadas, desestabilizadas por um processo de desequilíbrio no investimento da monocultura, conforme visto nos capítulos anteriores.

Este capítulo objetiva refletir sobre o conceito de paisagem cultural, bem como elucidar e analisar os dados coletados nas entrevistas com peões campeiros de Jaguarão. Schier (2003, p. 80), aponta que a partir do século XIX a paisagem vem sendo discutida para se entenderem as relações sociais e naturais em um determinado espaço. Conforme o autor a discussão acerca da paisagem cultural, além de datar do século XIX, ainda apresenta em seus elementos centrais de discussão para o conceito, o meio social, natural, além do espaço da interação.

Neste contexto, é preciso diferenciar a paisagem natural da paisagem cultural. De acordo com Schier (2003): “a paisagem natural refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbanos e rurais” (SCHIER, 2003, p. 80). No conceito de paisagem cultural é necessário levar em consideração uma série de aspectos e elementos que a constroem. Nesse sentido, Costa e Gastal (2010, p. 5), esclarecem que:

A paisagem cultural apresenta-se sob a forma de um sistema. Os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação. Constituem uma realidade como um todo que não é expressa pela consideração das partes componentes separadamente. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes (COSTA e GASTAL, 2010, p. 05).

As autoras afirmam que a paisagem cultural é formada a partir de um conjunto de elementos e não somente partes individuais. Na paisagem cultural do pampa gaúcho é possível perceber diversos elementos como o peão campeiro, o meio natural, onde predomina o bioma pampa, a pecuária, entre outros elementos que compõem o sistema.

Os períodos históricos são fundamentais para a formação da paisagem, conforme Costa e Gastal (2010, p. 5), “por se tratar do resultado da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural, o tempo aparece como variável fundamental tanto na construção como na interpretação da paisagem cultural” (COSTA e GASTAL, 2010, p. 05). Deste modo

se pode afirmar que o processo de formação do estado do Rio Grande do Sul, sintetizado anteriormente, está entrelaçado a sua paisagem cultural. O modo de vida do gaúcho, em específico o peão campeiro apresenta a manifestação de uma cultura, ou seja, o seu saber-fazer. Desta forma seus costumes e tradições ficam gravados na paisagem cultural. Segundo Figueiredo (2008, p. 2):

A palavra paisagem, de uso cotidiano, tem no contexto cultural, um sentido mais delimitado colocando em destaque as relações entre o ser humano e o meio ambiente. O meio ambiente natural deixa de ser natural e passa a ser um espaço cultural modificado pelo trabalho do homem (FIGUEIREDO, 2008, p. 02).

Com essa citação o autor ressalta que as manifestações culturais se apresentam na paisagem cultural. Da mesma forma que o peão campeiro construiu a paisagem cultural do gaúcho no bioma pampa, a intervenção da agricultura em escala também proporciona outra paisagem cultural, interferindo no que antes se apresentava. Segundo o autor, “a paisagem não é um suporte passivo, mas uma existência ativa, integrante e testemunha de uma dinâmica cultural que se constrói no tempo e se manifesta no espaço” (FIGUEIREDO, 2008, p. 04). O autor reforça o fato de que a paisagem é formada pela cultura com o passar do tempo e suas modificações e se apresenta no meio no qual está inserida.

Além disso, aponta-se para a importância da paisagem cultural para que ocorra a transmissão do passado. “A paisagem possui uma qualidade transtemporal, uma construção transversal, que une passado e presente em sua configuração espacial. É história congelada, mas participa ao mesmo tempo da história viva, influenciando a vida no espaço” (COSTA e GASTAL, 2010, p. 06). Figueiredo (2008, p. 5) menciona que a paisagem se insere no espaço, transmitindo esses valores do local.

A paisagem é a forma espacial presente, indício de formas passadas que podem ou não continuar, ao ler-se a paisagem, toma-se contato com o campo visual do observador, sua experiência anterior, sua carga de vida. A formação da paisagem não é atribuída a tomadores de decisão humanos, mas, à própria cultura, resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural (FIGUEIREDO, 2008, p. 5).

Além de entender o conceito de paisagem cultural, é necessário destacar as modificações que nelas ocorrem através dos processos a que ela é submetida. Desta forma é importante salientar que o plantio de soja em escala modifica a paisagem cultural do peão campeiro.

Conforme visto nos capítulos anteriores, na zona rural de Jaguarão, o peão campeiro está sendo substituído por outra representação cultural no município de Jaguarão. Isso retrata a modificação da ação do homem em relação ao meio. A interação do homem está ligada a

representações e também as alterações exercidas na paisagem cultural do espaço. A figura 3 representa o Bioma Pampa em específico no município de Jaguarão, em uma área sem a interação agrícola.

Figura 3: Propriedade localizada na região da Perdiz, zona rural de Jaguarão, RS.



Fonte: Do autor (2017).

Em relação à coleta dos dados, foram entrevistados 04 peões campeiros que foram escolhidos e identificados por conveniência. O roteiro utilizado nas entrevistas encontra-se em Apêndice. Dentre os questionamentos estão como era a paisagem da zona rural antigamente, como viviam as pessoas do campo, como é a vida do peão campeiro, quais as dificuldades do peão campeiro, quais as vantagens de trabalhar com essa atividade, considerações se a soja ajudou ou prejudicou a vida do peão campeiro e o que projeta para o futuro da profissão de peão campeiro. Essas questões se justificam como material norteador nas entrevistas, ou seja, procurando manter um foco de análise.

Optou-se por manter o sigilo com relação ao nome dos depoentes, os quais serão chamados de Depoente 01, 02, 03 e 04. Dois deles foram entrevistados pessoalmente, em suas residências, em Jaguarão, os outros dois responderam ao questionário utilizando a ferramenta de gravação de voz do aplicativo do WhatsApp. Os entrevistados encontram-se na faixa dos 32 a 70 anos. Três não concluíram o ensino fundamental e o outro completou o ensino médio.

No que diz respeito as ocupações atuais, o depoente 01 trabalha em uma universidade e é motorista de táxi, o depoente 02 trabalha em um secador de grãos, no qual exerce o cargo

de sileiro, o depoente 03 trabalha de peão campeiro e o depoente 04 é trabalhador do campo aposentado. É importante ressaltar que todos já exerceram ou ainda exercem a profissão de peão campeiro.

3.1 Relatos do peão campeiro sobre a paisagem rural de antigamente

Schier (2003) ressalta que “quem sabe perceber uma paisagem consegue entender seu valor, perceber a importância dela em sua vida, criar vínculo afetivo com ela e, conseqüentemente, defender a sua perpetuação” (SCHIER, 2003, p. 85). Isso reforça o fato de preservar a paisagem cultural, pelos valores existentes nas atividades que ali ocorrem. Conforme uma das questões elaboradas, quando questionados sobre como era a paisagem rural antigamente, os depoentes demonstraram certa nostalgia ao relatar, ao descrever seu lugar de trabalho, e ressaltaram que foram muitas modificações.

A paisagem rural antigamente tá[...] é bem diferente do que tá acontecendo hoje, como que está hoje[...] eram campos com muito gado, estâncias repletas de trabalhadores, de peões de estância né (Depoente 01, entrevistado em 08 de junho de 2018).

Antigamente as paisagens eram lindas. Os campos com bastante árvores, tinha lugar para o gado se esconder. Geralmente nós nos escondíamos nas árvores em época de chuva. A paisagem era bonita. Hoje não temos mais essa paisagem nos campos (Depoente 02, entrevistado em 13 de junho de 2018).

Tá diferente [...] desmatamento mesmo é uma das principais coisas, a soja tá terminando com tudo [...] as águas, as lagoas que tinha, desapareceu tudo. Os córregos que corria água hoje não corre mais [...] isso tá tudo terminando (Depoente 04, entrevistado no dia 05 de janeiro de 2018).

Conforme visto acima, o depoente 01 aponta principalmente para o volume de gado nas estâncias, assim como o volume de trabalhadores rurais nas estâncias, ou seja, o peão campeiro. Já o depoente 02, ressalta o volume de árvores nos campos, que segundo ele serviriam de abrigo para o gado em épocas de chuva, como também para os trabalhadores do campo. O depoente também aponta para a qualidade visual da paisagem rural antigamente, classificando ela como “bonita”.

O depoente 04, além de já ter desempenhado a profissão de peão campeiro, trabalhou durante um longo período de tempo com a agricultura, como plantio de milho, por exemplo. Ao falar sobre o desmatamento ocasionado pelo plantio de soja e o fim de vários recursos naturais, como fontes de água, ele se emociona e demonstra sua indignação com relação a isso.

A figura 04 mostra uma paisagem rural do município de Jaguarão, onde verifica-se uma extensão de campos e árvores.

Figura 4: Propriedade localizada na região da Perdiz, zona rural de Jaguarão, RS.



Fonte: Do autor (2018).

Na figura 4 encontra-se a fotografia de uma propriedade na localidade da Perdiz, zona rural do município de Jaguarão. Essa imagem representa a tipicidade do Bioma Pampa com vegetações rasteiras, grandes extensões de campos, coxilhas, banhados, além de um dos elementos principais que é o gado bovino.

A figura 4 também demonstra a paisagem cultural do pampa e do cenário onde vive o peão campeiro em seus moldes, ou seja, elementos naturais que constroem e identificam essa paisagem. Dessa forma essa figura remete ao habitat do peão campeiro, o lugar onde a cultura acontece, transmitindo e realçando seus costumes, suas tradições, além de ressaltar seu modo de vida.

3.2 Relatos sobre a vida do peão campeiro

Como já foi dito a paisagem cultural transmite além de outros fatores a identidade local, desta forma a ação humana está ligada diretamente com sua formação e também na sua alteração, conforme afirma Schier (2003, p. 80):

Ela é, assim, um produto cultural resultado do meio ambiente sob ação da atividade humana. O aspecto cultural tem desempenhado um papel importante na determinação do comportamento das pessoas em relação ao ambiente. Determinadas

paisagens apresentam, na sua configuração, marcas culturais e recebem, assim, uma identidade típica. A problemática ambiental moderna está ligada à questão cultural e leva em consideração a ação diferenciada do homem na paisagem. Desta forma, a transformação da paisagem pelo homem representa um dos elementos principais na sua formação (SCHIER, 2003, p. 80).

Quando questionados sobre o cotidiano do peão campeiro, a resposta dos depoentes não foi focada nas atividades que desempenhavam, ou que desempenham, mas na paisagem onde atuavam, ou atuam conforme se percebe nos relatos abaixo:

O tempo que eu trabalhei lá fora a vida era boa, era uma coisa bem legal no sentido de que se trabalhava bastante mesmo, de uma forma a vida era dura, porque o trabalho era “pesadinho” e tal, mas ao mesmo tempo era um trabalho que dava gosto de vê, era bem gratificante, podemos dizer assim (Depoente 01, entrevistado no dia 08 de junho de 2018).

A vida antigamente do peão campeiro era boa, uma profissão boa, hoje como eu estou há dois anos fora, não sei como tá, já vem entrando muita coisa, se estendeu o soja pelos campo, e ai o peão campeiro já está sentindo muito né[...] a gente encilharia um cavalo de manhã cedo, pra sai pro campo, voltaria normalmente as onze e meia, uma e meia encilharia de novo, e sai pro campo, na mesma rotina de sempre, juntava gado, recorria o campo, um troço que era bom (Depoente 02, entrevistado no dia 13 de junho de 2018).

Os depoentes 01 e 02, apontam para a satisfação e o prazer de trabalhar como peão campeiro e também indicam o trabalho pesado da profissão, ressaltando a rotina da profissão, como por exemplo, a lida com o gado e a montaria. O depoente 02 também indica a expansão da soja pelos campos, que no ponto de vista dele influenciou negativamente o peão campeiro. É possível observar nos depoimentos a satisfação pessoal pela profissão de peão campeiro, valorizando seu fazer, o serviço pesado e as condições no qual se insere e também a influência do plantio de soja na sua profissão.

Com relação a interpretação de Schier (2003) acerca da paisagem cultural, é possível perceber e observar perante as narrativas, a interação do homem como determinante na construção da paisagem, ou seja, a cultura do peão campeiro retrata uma imagem na zona rural de Jaguarão transmitida através das peculiaridades do seu fazer. Porém com a intervenção da soja nos campos o cenário se modifica, colocando a mostra outra visão da realidade, ocupando e intervindo o espaço de uma cultura já existente, no qual é simbólica e importante para a identidade, não só do município e do bioma pampa, mas da região sul.

Pode-se perceber em diversos relatos coletados os impactos sociais que o crescimento da soja na zona rural de Jaguarão ocasionou aos peões campeiros. Dentre os entrevistados, apenas 03 ainda trabalham com essa profissão. A questão salarial foi mencionada pois, como

há escassez de vagas de emprego para essa profissão, o peão campeiro atualmente é mal remunerado, conforme os depoimentos abaixo:

As dificuldades do peão campeiro na atualidade é a questão salarial, o período que tu desloca pra fora e fica na propriedade que tu não retorna pra cidade, geralmente o pessoal vem duas vezes no mês a cidade, isso é uma coisa que dificulta bastante, a parte de comunicação hoje, mesmo que tenha melhorado bastante, ainda continua precária em certos lugares isolados, nem todo lugar é tão fácil o acesso (Depoente 01, entrevistado no dia 08 de junho de 2018).

O salário rural é pouco, desvalorizaram muito o peão campeiro[...] hoje em dia as estâncias aproveitam o peão campeiro pra tudo, antigamente tu era só peão campeiro, hoje tu faz o campo, tu faz arame, tu faz casa, então tu faz tudo, o peão campeiro ficou muito desvalorizado (Depoente 02, entrevistado no dia 13 de junho de 2018).

O depoente 01, evidencia a questão salarial da atualidade, que na sua visão é baixa, e por isso fez com que procurasse outra atividade. O depoente também dá um enfoque na questão do período de deslocamento, no qual o peão fica na estância, a falta de comunicação e a acessibilidade em determinados lugares, onde segundo ele é de difícil acesso. O depoente 02, aponta para o baixo salário pago ao peão campeiro e a desvalorização da profissão durante os anos, no qual relata que o peão é utilizado em várias atividades, sendo remunerado por apenas uma atividade.

É possível identificar nas entrevistas fatores como a pouca remuneração, o tempo em que o peão fica na estância, a falta de comunicação, a acessibilidade dos locais na zona rural, a desvalorização da profissão e a multifuncionalidade do peão campeiro. De acordo com a pesquisa, o que motiva o peão campeiro em sua profissão é justamente a interação com o meio natural que a atividade proporciona:

As vantagens de trabalhar como peão campeiro é o contato com a natureza, o pessoal que gosta de trabalhar com animais, com gado, com cavalo, isso é bom, esse contato com a natureza é muito bom[...] Hoje tem um pequeno problema, pequeno grande problema hoje, que seria pro peão campeiro, que se trata do plantio de soja, a soja vem tomando conta de praticamente todo o estado, atrapalha porque a parte de mão de obra para quem trabalha de peão de estância simplesmente diminuiu, temos estâncias repletas de soja, onde trabalhariam alguns peões de estância, teria pecuária, então não tem mais, é soja e máquina. Um operário de uma máquina dá conta de quantos de antigamente? isso aí é a problemática (Depoente 01, entrevistado no dia 08 de junho de 2018).

O que me motiva é trabalhar com os animais, que eu sempre gostei[...] foi isso que fez eu exercer essa profissão, tá na volta do cavalo, da vaca, dos animais sempre (Depoente 02, entrevistado no dia 13 de junho de 2018).

As vantagens de trabalhar de peão campeiro é trabalhar ao ar livre, trabalha com os bichos, cavalo, vaca, cachorro, com tudo que é bicho que a gente gosta (Depoente 03, entrevistado no dia 14 de junho de 2018).

O depoente 01, ressalta que a vantagem de trabalhar como peão campeiro é o ambiente onde está inserido, ou seja, o contato com a natureza e os animais. Porém o depoente indica a expansão da soja sobre os campos do estado como fator de risco para a atividade de peão campeiro, pelo fato que diminui a pecuária na região e isso reflete diretamente na atividade, pois diminui o emprego. Ele também faz uma comparação, no que diz respeito à inversão das atividades, pois onde antes existiam estâncias e gado, hoje existem soja e máquinas e ainda questiona o fato de que um operário de máquina ocupa a vaga de emprego de vários peões.

Os depoentes 02 e 03, remetem em suas visões, que o incentivo e estímulo principal para trabalhar como peão campeiro também é o contato com os animais. Segundo os depoentes, é possível perceber que a justificativa pessoal, para trabalhar na profissão de peão campeiro é o contato com os animais e com a natureza. Nos depoimentos é possível perceber e observar o contentamento, o gosto e o prazer por exercerem ou já terem exercido a profissão. Porém o depoente 02, indica a influência do plantio de soja em espaços que antes eram ocupados pela pecuária, o que ocasiona a diminuição do emprego na de atividade peão campeiro, segundo ele.

Neste contexto, destaca Figueiredo (2008), quando afirma que “a inter-relação entre a cultura e o meio ambiente natural confere à paisagem uma identidade singular, o ir e vir de um grande número de pessoas num determinado território provoca modificações na paisagem e na vida cotidiana” (FIGUEIREDO, 2008, p. 2). Essa citação do autor justifica o fato da cultura da soja modificar a paisagem cultural do gaúcho pelo seu contexto histórico que originou essa paisagem.

É importante destacar que o peão campeiro, sob a perspectiva que o identifica, dentro de seus costumes, da sua tradição e do seu fazer, pode-se citar o contato com os animais e com a natureza. Esses elementos unidos formam a paisagem cultural do gaúcho no bioma pampa, porém a introdução da soja nos campos, traz consigo além dos aspectos físicos de mudança como a descaracterização do cenário rural, a inserção dessa monocultura incorpora uma nova cultura a região, onde provem outros costumes, outras tradições.

O fato é que o processo de modificação da paisagem envolve pessoas e não só aspectos visuais e físicos e com isso toda estrutura social e cultural se modifica no local em que acontece.

As Figuras 05 e 06 demonstram respectivamente, o meio natural ao qual o peão campeiro se insere em sua atividade laboral e a paisagem alterada pelo cultivo da soja:

Figura 5: Propriedade localizada na região do Lagões, antes do plantio de soja.



Fonte: Do autor (2015).

Figura 6: Propriedade localizada na região do Lagões, depois do plantio de soja.



Fonte: Do autor (2016).

As imagens representam a região denominada lagões, zona rural do município de Jaguarão. É possível destacar a partir das fotografias, a alteração na paisagem cultural do meio, ou seja, uma área que era particularmente utilizada para pecuária, se encontra ocupada pelo plantio de soja.

Além disso, é necessário atentar para os elementos que representam essa paisagem, que simplesmente desaparecem modificando o seu contexto. Na figura 5 existe a vegetação rasteira do ambiente natural, além do gado bovino espalhado pelos campos, já na figura 6 o

cenário é da mesma área, porém coberta pelo plantio de soja. Nesse contexto se constata que para efetuar o plantio do grão, esse processo é condicionado por uma série de mudanças culturais, ou seja, a interferência de uma cultura sobre outra.

3.3 Relato sobre os impactos do plantio de soja em relação à profissão de peão campeiro

É importante ressaltar, conforme Severo e Miguel (2006), que “o modo de vida que se originou da organização na estância, preservasse até hoje como identidade regional” (SEVERO e MIGUEL, 2006, p. 214). Nessa perspectiva o peão campeiro mais do que uma profissão, transmite valores étnicos a região Sul, transpondo a cultura de um grupo social no local onde está inserido.

Apresenta-se neste contexto, os relatos dos depoentes em relação a influencia positiva ou negativa do plantio de soja em relação a profissão do peão campeiro.

O plantio da soja ele prejudica o peão campeiro, o pessoal acaba praticando outras culturas e a pecuária fica de lado ou fica bem diminuída e o peão simplesmente é dispensado[...] isso ai é um dos fatores que agrava bastante...eu considero que a soja tenha tenho prejudicado a vida do peão campeiro, acredito pelo simples fator de diminuí as áreas de pecuária e simplesmente porque a maquina toma conta do campo[...] o peão campeiro é aquela coisa né, lida com gado e cavalo e não tem outra (Depoente 01, entrevistado no dia 08 de junho de 2018).

A soja, ela entrou aqui em Jaguarão, ela desmanchou muito a pecuária, tem muitos peões campeiros sem poder exercer a profissão, porque antigamente as pecuária tinha[...] tinha estância com quatro, cinco, seis peão, hoje eles tão com meia dúzia de campo e tão com um peão só[...] eu acho que a soja entrou pra arrebentar com as estâncias[...] tem muito herbicida, tem muita coisa[...] na parte da vegetação mesmo, não tem mais, quando não é queimada pelo veneno, eles arrancam, então eles destruíram com a pecuária[...] a soja veio pra destruir com a pecuária toda[...] na atividade do peão ela só prejudicou, porque o peão é assim, o peão que exerce a profissão de peão, ele vai abandona a estância, porque o patrão entregou a estancia pra soja, vai manda o peão embora, o peão se não sabe dirigir trator já ficou desempregado, a única coisa que ele sabe faze é aquilo ali, então que diz que a soja entrou, pra desmancha com a pecuária e tira o serviço dos peão campeiro[...] eles não dão oportunidade nenhuma pro peão campeiro, se tu não sabe dirigir trator, se tu não tem experiencia[...] se tu não tive experiência na área eles não te dão oportunidade nenhuma (Depoente 02, entrevistado no dia 13 de junho de 2018).

O plantio de soja prejudica bastante, pra gente que trabalha no campo prejudica bastante, por causa que desemprega bastante, porque a gente vive disso, vive do campo. Eu acho que prejuizo porque diminuiu muito a pecuária a aumentou a agricultura e ai desemprega o peão (Depoente 03, entrevistado no dia 14 de junho de 2018).

Eu acho que piorou, porque os investimentos que eles fazem volta tudo pra terra deles e emprego eles dão muito pouco pro daqui. Fora que a pecuária termino tudo, isso e bom pros grandes, que arrendam terras pra eles (Depoente 04, entrevistado no dia 05 de janeiro de 2018).

Nesse sentido Ribeiro (1995) afirma que a margem da população, com menos educação e de hábitos rústicos como os peões, tornam-se mãos de obra para uma terra em que não há serviço que contemple suas características peculiares. A citação do autor vai ao encontro da realidade demonstrada a partir dos relatos, pois com a agricultura em massa nos campos da região sul, não abre espaço para a profissão do peão campeiro, ficando assim de lado em contraponto ao desenvolvimento.

O depoente 01, afirma que a soja prejudica o peão campeiro, pelo fato de que as áreas de criação de gado diminuem e com isso o peão campeiro é dispensado. Ele afirma que o peão campeiro depende da pecuária, pois seus conhecimentos profissionais são limitados àquela atividade em específico. O depoente 02 descreve que a soja influenciou diretamente na pecuária, de forma que os peões campeiros não podem exercer sua profissão pela falta de emprego, gerado pelo plantio de soja em áreas que antes eram destinadas a pecuária. O depoente aponta que com as áreas de pecuária reduzidas os peões são dispensados.

A figura 07 é um registro fotográfico a respeito de uma área que era destinada a pecuária e sofreu a expansão do plantio de soja, enquanto a Figura 08 demonstra a mesma área da figura 07, porém em um período depois da expansão agrícola, em específico da soja.

Figura 7: Propriedade localizada na região do Lagões, antes do plantio de soja.



Fonte: Do autor (2015)

Figura 8: Propriedade localizada na região do Lagões, depois do plantio de soja.



Fonte: Do autor (2016)

O depoente 02, diz que “a soja entrou pra arrebentar com as estâncias”. Dentre outros fatores ele cita a utilização de herbicida para o plantio de soja, no qual diz que a vegetação é queimada pela utilização destes produtos, e a vegetação que resiste os produtores de soja “arrancam”. O depoente relata que a com a inserção da soja, se o peão campeiro “não sabe dirigir trator”, ele fica sem emprego. Ele reforça que o peão somente desempenha a função de peão campeiro.

Conforme Ribeiro (1995), a evolução do gaúcho e também do Rio Grande do Sul, são baseados nos processos históricos, que impactaram e ainda influenciam os rumos sociais e econômicos do estado. A implantação da agricultura em escala nos campos do Rio Grande, serviu para modernizar e alavancar de certa forma a economia, porem o gaúcho nessa corrente, se mantem fora desse desenvolvimento. O autor ainda reforça que o peão campeiro historicamente é marginalizado pelos processos de desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Nessa situação por trabalhar somente na lida com o gado, não tem oportunidades nessa nova área que se instala.

Ainda em sua fala o depoente 02, aponta para mais alguns elementos que impactam o peão como a falta de oportunidade de emprego com relação a produção de soja. O depoente 03, diz que a soja prejudicou as pessoas que vivem no campo como peão campeiro pela falta de serviço, pois aumentou a agricultura e diminuiu a pecuária.

Os relatos apresentados pelos depoentes confirmam a marginalização e desvalorização do peão campeiro pela expansão agrícola no município. Esse fato reitera a concentração das

atividades agrícolas no capital, deixando de lado historicamente o desenvolvimento social da região.

A figura 09 retrata a vegetação depois da utilização de produtos químicos e a aniquilação da flora nativa característica do bioma Pampa.

Figura 9: Propriedade localizada na região do Juncal.



Fonte: Do autor (2018)

Os principais fatores apontados nas entrevistas são a diminuição da área de pecuária e o aumento da área do cultivo de soja, a falta de emprego decorrente desse processo, a destruição da vegetação, e salientam a importância da pecuária para a execução da profissão de peão campeiro.

3.4 O futuro da atividade de peão campeiro, de acordo com depoentes

Neste contexto, é pertinente destacar, conforme contextualiza Schier (2003, p. 81), que “a paisagem é a realização e materialização de ideias dentro de determinados sistemas de significação. Assim, ela é humanizada não apenas pela ação humana, mas igualmente pelo pensar. Cria-se a paisagem como uma representação cultural” (SCHIER, 2003, p. 81). Portanto é inegável a relação entre o fazer local em contraponto a paisagem construída e cognitiva.

Conforme visto, a atividade do peão campeiro existe conforme as condições da paisagem, conforme o manejo da terra. Este tópico disserta acerca das impressões do futuro com relação à profissão de peão campeiro, por parte dos depoentes.

Com relação ao futuro do peão campeiro eu acredito que vai ficar estagnado, que a soja não vá tomar tanta conta, daqui pra frente de grandes áreas a mais do que já tenha tomado[...] eu acredito que a soja vai ser isso aí, ela vai a um ponto que vai estagnar e vai para porque o pessoal aqui do Rio Grande do Sul, por exemplo não vai fazer um churrasco com soja, ele vai querer uma carne de qualidade e isso a soja não vai proporcionar, óbvio, é lógico[...] e aí volta o papel importante do peão de estância, o pessoal vai querer carne, vai querer comer o seu churrasco, a carne é um dos produtos mais importantes da indústria alimentícia, então quer dizer que a soja vai tomar conta até um certo ponto, um certo patamar e a partir daí vai para, vai estagnar ou com o passar dos anos até pode retrair um pouco[...] e eu espero que para o pessoal que tenha ficado na campanha, que continue trabalhando na campanha, que eles continuem mantendo suas atividades profissionais, que consigam manter um salário melhor, que seja mais valorizado né, que o empregado seja um pouco mais valorizado por seus patrões, porque até então no período que eu trabalhei pra fora eu resolvi largar é porque não valia a pena, chegou um certo ponto que não valia mais a pena pela questão salarial, tempo que eu ficava lá fora, então decidi sair disso aí [...] (Depoente 01, entrevistado no dia 08 de junho de 2018).

O depoente 01, afirma que na sua perspectiva futura o plantio de soja se manterá estagnado. O depoente aponta para a produção de carne proporcionada pela pecuária e sua relação direta com o peão campeiro, pois é quem trabalha na atividade. O depoente também aponta o fato de que sem pecuária, sem criação de gado, não existe carne para o churrasco, comida típica do gaúcho e que envolve identidade social, gastronomia, paisagem cultural e outras séries de elementos, que influenciam a cultura local.

Segundo Schuler (2003), a gastronomia tem um papel importante no que diz respeito à valorização de uma cultura, tradições, costumes, entre outros elementos, pelo fato de expressar o modo de vida de um povo, de uma região, transmitir por meio da culinária aspectos intangíveis que somente pela representatividade do fazer dos alimentos poderão ser observados e percebidos. Essa afirmação da autora ressalta a importância da narrativa do depoente, no que diz respeito à sua preocupação quanto ao fim da pecuária e obviamente a falta da produção de carne.

No final da entrevista é indicada a desvalorização do profissional que trabalha como peão campeiro. Esse fato embora apareça na narrativa, também aparece na história da formação do Rio Grande do Sul, onde o peão de certa forma sempre foi marginalizado.

Pro futuro se continuar a soja assim, como ela está se alastrando, eu não vejo futuro mais nenhum pro peão campeiro, vai acabar, o peão campeiro ele vai acabar, é raramente hoje uma estância tem bastante campo pra ter peão trabalhando, tem muito

peão campeiro hoje que está desempregado, não têm como, não trabalha na área da soja então eles não vão ter serviço (Depoente 02, entrevistado no dia 13 de junho de 2018).

O depoimento acima condiciona a continuidade da atividade do peão campeiro se a soja perder espaço nos campos. O fato que se observa por parte dos entrevistados é a angústia expressada em seus relatos, quando solicitados para falar sobre o futuro do peão campeiro. Percebe-se certa inquietação por parte dos depoentes quando se questiona sobre o futuro da profissão. O Depoente 03 entende que “[...] do jeito que a agricultura está se expandindo vai acabar terminando o serviço do peão campeiro” (Depoente 03, entrevistado no dia 14 de junho de 2018).

O depoente 02 relata que com a expansão da soja nos campos a atividade do peão campeiro corre risco de acabar. Ele justifica sua visão no fato de que o peão campeiro não trabalha com soja e que raramente hoje se visualiza peões empregados em estâncias. O depoente 03 afirma que com a expansão da agricultura não vai mais existir serviço para o peão campeiro.

O depoente 04 quando questionado sobre uma visão futura a respeito da profissão de peão campeiro resume suas palavras em apenas uma frase, “Vai terminar [...] termino tudo, porque a soja termino com tudo [...]” (Depoente 04, entrevistado no dia 05 de janeiro de 2018). A partir da narrativa do entrevistado é possível perceber a decepção quanto ao processo de intervenção agrícola que está sofrendo a região. A imagem que fica é de pessoas que não veem outra saída a não ser o fim da profissão, ocasionado pela expansão agrícola no município de Jaguarão.

Na visão dos depoentes identifica-se elementos como o fim da profissão de peão campeiro pelo fato de não haver mais emprego em consequência do aumento contínuo das plantações de soja, a diminuição da pecuária e o enfoque para o risco da produção de carne.

O depoente 02 remete sobre a dificuldade de se manter empregado na profissão, no qual ressalta, “a pecuária ela não vai termina, mas vai diminui, e eu acho que vai ser muito difícil arrumar serviço” (Depoente 02, entrevistado no dia 13 de junho de 2018). O depoente ainda fala sobre a diferença da relação empregatícia do peão campeiro com os pecuaristas que ainda existente no município de Jaguarão e os produtores da nova atividade, no qual ele diz:

[...] e esse negócio de relacionamento com patrão, depende do patrão né, do jeito que ele te trata, o peão ele é um pouco desvalorizado, sempre foi, e acho que futuramente vai ser a mesma coisa, daí pra pior[...] o salário do peão é pouco, e faz muita coisa, eles não te dão valor, só querem tirar lucro pra eles e pro empregado é pouco. A soja só dá serviço pra quem já é da soja[...] vem esses alemão lá de cima e só te dão serviço se tu tem experiencia, geralmente eles trabalham ele e a família[...]

pra nós aqui de Jaguarão é raro eles dá serviço, e como nós estava conversando, eles desmancham a pecuária, porque eles entram já pra desmancha tudo, e o cara fica desempregado (Depoente 02, entrevistado no dia 13 de junho de 2018).

O depoente 02, relata a forma de trabalho dos produtores de soja, que aparentemente estão inseridos em uma estrutura de agricultura familiar. Nesse sentido segundo o depoente a oportunidade para inserção da comunidade local nesta atividade fica ainda mais difícil. O depoente ainda fala sobre sua visão em relação ao retorno da expansão da soja para a comunidade no qual diz, “[...] eu não vejo retorno em Jaguarão com dinheiro deles” (Depoente 02, entrevistado no dia 13 de junho de 2018). Essa impressão do entrevistado com relação ao retorno financeiro para o município é evidente, conforme Silva (2018), pois, com a Lei Kandir (1996), a soja plantada na região sul é isenta de ICMS (Imposto de circulação de mercadorias e serviços).

Quando questionado sobre a relação do peão campeiro com os produtores de soja no decorrer da entrevista, o depoente 02, afirma que é uma relação amigável, e ressalta a valorização por partes dos sojicultores em relação ao peão campeiro, mesmo de certa forma influenciando em sua profissão.

O relacionamento é bom, são uns cara bom, não tem o que falar, pelos poucos que eu conheço[...] tem alguns cara que eu conheço que trabalham com eles que dizem que são muito bom de trabalhar, são puxador de serviço só[...] tu come na mesa junto com eles, são uns cara bom[...] com o patrão de estancia não tem tanta regalia assim, como eles de fora tem com os peão daqui (Depoente 02, entrevistado no dia 13 de junho de 2018).

É interessante destacar a relação dos sojicultores em relação ao peão campeiro, pois conforme visto no capítulo 01 o peão foi historicamente marginalizado pelo desenvolvimento da região. Em sua fala, o depoente 02 remete ao fato de se alimentar juntamente aos produtores em uma relação igualitária. Esse fato marcou a entrevista no sentido de que o próprio depoente se sentiu valorizado perante essa atitude.

Elaborada a coleta e análise dos dados, proporcionou então a confirmação de que não somente impactos sociais, mas também ambientais e econômicos na região. Este capítulo realizou a apresentação do conteúdo e a análise das entrevistas, a fim de identificar alguns elementos que influenciam e impactam os peões campeiros. As modificações na paisagem cultural do bioma pampa também foram apontadas.

É importante destacar que na análise dos dados foram apontados aspectos específicos da modificação não só da paisagem cultural da zona rural, mas também a alteração do ambiente natural e as atividades econômicas, além de influências sociais desse processo de ocupação do território pelo grão da soja.

Procurou-se enfatizar acerca dos impactos do plantio de soja em uma pesquisa detalhada, na tentativa de entender de que forma esse processo atinge o peão campeiro e a paisagem cultural do município e do pampa gaúcho.

Conforme os dados estatísticos apresentados a respeito dos números sobre produção, áreas cultivadas de soja e também através dos depoimentos coletados com peões campeiros do município de Jaguarão, identifica-se algumas interferências ocasionadas pela inserção do plantio de soja em massa.

Dentre os fatores analisados pode-se citar a falta de emprego, a desvalorização do peão campeiro, a modificação da paisagem cultural do gaúcho, a má utilização do Bioma Pampa, o monopólio de terras, a degradação do ambiente natural, o risco na produção de carne, a modificação cultural no município e a falta de um desenvolvimento equilibrado, no que diz respeito à comunidade e a utilização dos recursos naturais.

As entrevistas ressaltam principalmente as características do saber fazer do peão campeiro, ou seja, uma atividade que se materializa desde o início da formação do Rio Grande do Sul, e se mantém até hoje. Nos depoimentos é possível perceber e analisar elementos como prazer de exercer a profissão de peão campeiro, preocupação quanto ao futuro, do campo e da atividade da pecuária, a valorização do meio natural pelas pessoas que trabalham na zona rural, além da resistência e valorização dos seus fazeres, embora ignorado pelas políticas públicas de desenvolvimento rural.

A relação direta do plantio de soja com as modificações na paisagem cultural também são demonstradas nas análises, como por exemplo, a negligência sobre os agentes culturais locais, o peão campeiro, em prol de uma atividade econômica que não dá retorno à comunidade e principalmente a uma cultura que identifica o estado.

Por fim a marginalização contínua desses trabalhadores aponta para o êxodo rural em massa, provocado pela inserção da soja no município de Jaguarão. Esse fator assim como os demais citados podem provocar modificações em toda estrutura social, econômica e cultural do município, ocasionando efeitos graves no desenvolvimento local.

Considerações finais

Conforme a elaboração da pesquisa procurou-se identificar impactos do plantio em escala de soja no município de Jaguarão, em relação ao peão campeiro e a modificação da paisagem cultural do gaúcho que envolve o mesmo, e que está enquadrada no bioma pampa, local onde acontece esta expansão agrícola.

Para isso foi feita a análise sobre a origem do peão campeiro e a formação do estado do Rio Grande do Sul, e também, a introdução da agricultura na região, em específico a monocultura da soja na metade sul do estado.

O estudo sobre o plantio de soja em escala no município de Jaguarão tornou possível a partir da discussão a respeito da preservação da cultura do peão campeiro, como também atentar uma visão crítica sobre a modificação da paisagem rural do município. Desta forma, a coleta de dados por meio de entrevistas com trabalhadores que já exerceram ou que ainda exercem a atividade de peão campeiro foi decisiva para atingir os objetivos deste trabalho, entende-se que foram atingidos, observando os impactos dessa mudança de atividade no município em relação ao peão.

Jaguarão, assim como praticamente todo o estado do Rio Grande do Sul, se caracterizou pela criação de gado, ou seja, a pecuária extensiva, porém a expansão da agricultura ocasionou a diminuição das áreas destinadas à pecuária. Esse fator destacou impactos sociais, econômicos e ambientais nas regiões em que se instalou. Conforme os dados obtidos na pesquisa com as narrativas de trabalhadores rurais e das pesquisas estatísticas e qualitativas das informações do IBGE e EMATER, o plantio de soja em escala no município de Jaguarão proporcionou a diminuição da pecuária, e o aumento de áreas cultivadas pelo grão.

Esse fato aponta para dois impactos sociais centrais gerados, em relação ao peão campeiro como falta de emprego ocasionado pela diminuição da criação bovina e a desvalorização da profissão de peão campeiro. O aumento do processo de cultivo de soja no município de Jaguarão está descaracterizando o bioma pampa e trazendo impactos diretos à comunidade. Conforme a história da formação do Rio Grande do Sul, o peão campeiro, ou seja, o gaúcho primitivo, no qual originou essa etnia, vem sendo marginalizado e desvalorizado desde o começo da relação empregatícia nas estâncias, resultado das falhas na gestão do desenvolvimento da região.

Esse fato ainda se estende nos dias de hoje e é comprovado conforme os dados da pesquisa, porém agora, a profissão de peão campeiro pode estar em situação de risco, no que

diz respeito a sua extinção. Isso devido à globalização, desenvolvimento agrícola sem controle na região, e também, pelo sistema capitalista que concentra poder nas atividades mais rentáveis e lucrativas, sem atentar para o âmbito social e ambiental.

Em relação à paisagem cultural foi possível identificar a mudança dos elementos que constroem a imagem da zona rural de Jaguarão, ao invés da lida com o gado e a figura do peão campeiro, o cenário é de plantações de soja e máquinas. Além dos impactos sociais referentes ao peão campeiro a pesquisa também demonstrou impactos negativos no meio ambiente e na economia. Problemas como a eliminação da vegetação nativa para o plantio de soja, a falta de oportunidade para mão de obra no cultivo de soja, fazem refletir sobre qual perspectiva de desenvolvimento está sendo utilizada na região sul.

Presenciando em conjunto com os trabalhadores suas experiências de vida nas entrevistas obtidas é impossível não dar ênfase para as marcas que já estão sendo deixadas pela expansão da agricultura em massa na região sul. Por parte dos depoentes foi possível identificar sentimentos como inquietação, a revolta, o abatimento, o lamento, é uma realidade que se mostra a partir desta pesquisa, ou seja, indivíduos impactados negativamente e sem esperança de mudanças. Pessoas que trazem em sua bagagem histórica, lembranças de uma vida no campo, cotidiano de trabalho duro, mas de satisfação por trabalharem no que gostam, no que lhes faz bem.

O turismo como agente da preservação e valorização das culturas, tem um papel fundamental na crítica e na observação deste processo que ocorre no município de Jaguarão, pois o peão campeiro, herdeiro de costumes, saberes, tradições, que contam a história não só do município, mas do estado, estão presenciando o fim de sua atividade pela expansão agrícola sem limites.

Além disso, é necessário apontar para um fator importante e que está diretamente ligada a cultura do gaúcho, pois o churrasco, comida típica do estado, no qual transmite os valores de um povo, saberes e a gastronomia estão ligados à produção de carne através da pecuária. Com a diminuição desta atividade, os impactos são visíveis não só para a sociedade, mas também no âmbito da identidade regional do estado.

O que ocorre na zona rural de Jaguarão não é um problema atual, e sim um processo histórico de exploração nas atividades econômicas da região. O foco central não é o posicionamento contrário as atividades econômicas, mas sim na utilização de um modelo de desenvolvimento igualitário, onde se dá a devida atenção para o capital social em questão.

A pesquisa abre perspectivas de estudos futuros, no que diz respeito ao âmbito ambiental, econômico e de desenvolvimento regional. Projetos de pesquisa nestas áreas

podem contribuir para expor e criar debates sobre a preservação cultural e ambiental das comunidades.

Assim como a profissão de peão campeiros, outras atividades também podem estar sendo afetadas devido à expansão agrícola no município de Jaguarão. Esse fato traz a inquietação de como podemos contribuir para preservação e manutenção dos costumes, tradições, saberes e fazeres de um povo, de uma região, de um grupo social. Reitera-se a importância do poder público e privado, e principalmente, da comunidade local em dar ênfase para esses processos que modificam e põem em risco valores essenciais de um povo, como identidade.

Referências

- ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Mapa de Localização de Jaguarão**, Rio Grande do Sul, Brasil. 2006. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+jaguarao&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=c3Jn_GS3WY4otM%253A%252C1SgcF9xZ4333GM%252C_&usg=__jxachrQE14EhPR7hXU8lowgSDz4%3D&sa=X&ved=0ahUKEwjfuuGY3uvbAhUKGpAKHZRfA3oQ9QEIVzAG#imgrc=c3Jn_GS3WY4otM: Acesso em 24 de 06 de 2018.
- ANJOS, Flávio Sacco dos. Palestra no **I Seminário de Desenvolvimento Rural de Jaguarão**, RS. Evento realizado na Universidade Federal do Pampa, em 12 de junho de 2018.
- COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Susana de Araújo. Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural. **Anais do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul: Saberes e fazeres no turismo: interfaces**, Universidade de Caxias do Sul, p.1-14, jul. 2010. Disponível em: <[https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/03/Paisagem Cultural.pdf](https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/03/PaisagemCultural.pdf)>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- CHOMENKO, Luiza; BENCKE, Glayson Ariel. Nosso Pampa Desconhecido. **Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, p.1-208, 2016.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em turismo: Planejamento, métodos e técnicas**. 9. ed. São Paulo: Futura, 2007. 335 p.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e Coisas da Fronteira Sul: Ensaio Histórico**. Porto Alegre: Sulina, 2001. 189 p.
- FERRER, Francisca Carla Santos. **Entre a liberdade e a escravidão na fronteira meridional do Brasil: estratégias e resistências dos escravos na cidade de Jaguarão entre 1865 a 1888**. 2011. 278 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- FIGUEIREDO, Franciele Bandeira. Paisagem cultural - Bem material: conceitualizações e relação com o turismo cultural. **V Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (semintur): Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**, Universidade de Caxias do Sul, p.1-12, jun. 2008. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/tplVSemintur/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt13-07.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2010.
- MAGALHAES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EDUFPEL: Coedição Livraria Mundial, 1993.
- MARTINS, Roberto Duarte. A construção do espaço no sul do Brasil. De fronteira ao MERCOSUL: O caso de Jaguarão. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. 54, n. 69, p.1-1, 1 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-54.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

MATEI, Ana Paula; FILIPPI, Eduardo Ernesto. O Bioma Pampa e o Desenvolvimento Regional no Rio Grande do Sul. **Encontro de Economia Gaúcha**, Porto Alegre, p.1-17, jan. 2012. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa8/O_Bioma_Pampa_e_o_Developolvimento_Regional_no_RS.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Constituição (1996). Lei nº 87, de 13 de setembro de 1996. **Lei Kandir**. Brasília, DF, p. 1-1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/lcp/Lcp87.htm>. Acesso em: 20 jul. 2018.

RIBEIRO, Claudio Marques. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da região da campanha do Rio Grande do Sul**. 2009. 300 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento rural) – Faculdade de Ciências econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 477 p.

SEVERO, Christiane Marques; MIGUEL, Lovol de Andrade. A sustentabilidade dos sistemas de produção de bovinocultura de corte do estado do Rio Grande do Sul. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 3, p.213-234, dez. 2006. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/viewFile/10985/pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

SILVA, Monica Nardini da. **A Face espúria de um grão dourado: impactos socioambientais da expansão da soja em Jaguarão, RS**. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Raega**, Curitiba, n. 7, p.79-85, jan. 2003. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/viewFile/3353/2689>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

SCHÜLER, Regina G. **Gastronomia e turismo**. São Paulo: Aleph, 2003. 95 p. (Coleção ABC do turismo)

VERDUM, Roberto. Pampa: Silencioso e desconhecido. **Revista do Instituto Humanistas Unisinos**: On-line, São Leopoldo, v. 190, p.1-80, 07 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao190.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

Sites

EMATER. **Informações Agropecuárias: Série histórica**. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/servicos/serie-historica.php#soja>>. Acesso em: 20 jul. 2018

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Jaguarão. Disponível em: <idades.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 abr. 2018.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Pampa. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

Entrevistas

Depoente 01 – Entrevistado no dia 08 de junho de 2018 – Jaguarão, RS 00h07m34s

Depoente 02 – Entrevistado no dia 13 de junho de 2018 – Jaguarão, RS 00h16m04s

Depoente 03 – Entrevistado no dia 14 de junho de 2018 – Jaguarão, RS 00h01m14s

Depoente 04 – Entrevistado no dia 05 de janeiro de 2018 – Jaguarão, RS 00h03m04s

Apêndice

Roteiro de entrevista

- 1 - Nome?
- 2 - Idade?
- 3 - Escolaridade?
- 4 - Como era a paisagem da zona rural antigamente?
- 5 - Como viviam as pessoas do campo?
- 6 - Ocupação
- 7 - A quanto tempo trabalha nesta atividade?
- 8 - Está empregado agora?
- 9 - Como é a vida do peão campeiro?
- 10 - Quais as dificuldades da profissão de peão campeiro?
- 11 - Quais as vantagens de trabalhar de peão campeiro?
- 12 - O plantio de soja prejudica sua profissão? De que forma? Porque?
- 13 - Considera que a soja ajudou ou prejudicou a vida do peão campeiro? Porque?
- 14 - Qual seu pensamento sobre o futuro da profissão de peão campeiro?